ENCICLOPEDIA
DO
INTEGRALISMO
VII

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

VII

COLETÂNEA DE POETAS INTEGRALISTAS

EDIÇÕES G.R.D.

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA

Rua 1.º de Março, 147 - 2.º andar

— RIO DE JANEIRO —

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

POR QUE TIVEMOS POETAS NO INTEGRALISMO

Andaram bem os Editôres desta Enciclopédia, utilizando-se do ensaio de Dario de Bittencourt como base da Introdução à "Antologia dos Poetas do Integralismo". Escrito em 1936 e com as dificuldades por êle mesmo assinaladas decorrentes da insuficiência de materiais, o trabalho do escritor sul-rio-grandense é resultado de paciente esfôrço e de alto idealismo. Natural é, pois, que se ressinta de falhas e omissões, que não afetam o valor intrínseco da utilíssima monografia, mas que devem ser preenchidas à proporção que novos elementos venham enriquecer o acêrvo literário e histórico do Movimento do Sigma.

O que me cumpre dizer, como explicação do surto poético determinado pela "Ação Integralista Brasileira" é que a índole do movimento por mim desencadeado em 1932 era, acima de tudo, vinculada a uma irresistível aspiração à Beleza.

O Integralismo foi, desde o primeiro momento, uma expressão de Poesia. Sempre afirmei que a construção nacional e os grandes acontecimentos e realizações históricas constituem obras de Arte.

Se, na essência, o Integralismo é a procura das formas sociais, das estruturas jurídicas, das composições econômicas, dos lineamentos políticos tendentes ao equi-

líbrio e à harmonia, não lhe podemos negar uma inspiração estética. Mas, se na essência, a Doutrina do Sigma objetiva a maior das realidades universais e humanas, que é a Poesia, êle se manifestou, desde o comêço, em formas poéticas.

Reviveu — pela Revolução Interior que pregava, — o espírito da antiga Cavalaria, incutindo, no ânimo de seus milicianos, o ideal do aperfeiçoamento do caráter, do cavalheirismo, da elegância e da distinção. Ensinou-lhes a grandeza do sacrifício e da renúncia, do cumprimento dos deveres acima das reclamações de direitos, o gôsto nobre da defesa dos fracos e oprimidos, o culto respeitoso à mulher, o amor às tradições nacionais, a fé religiosa e a sobrenaturalização dos atos da existência. Reviveu na sua memória os feitos e os heróis do Passado e apontou-lhes no Futuro a Grande Nação que êles estavam construindo. E tudo isto é Poesia.

O rufar dos tambores, o canto dos clarins, o rumor cadenciado das marchas despertava nas almas dos milicianos profundas emoções poéticas. As grandes concentrações nacionais, em que tomavam parte filhos de todos os Estados, criavam uma forte consciência da Unidade da Pátria e sugeriam a idéia do Grande Império.

Pela primeira vez na História do Brasil, vieram ter a Petrópolis punhados de terra de cada um dos Estados da Federação. Falava-se, naquela altura, em Separatismo. No Altar da Pátria que erigimos, misturei tôdas aquelas

terras e fazendo um dos discursos mais comovidos da minha vida, afixei um painel com estas palavras:

TERRA DO BRASIL

Ela era uma só.
Os máus dividiram-na.
Nós a uniremos aqui
como unida está
em nossos corações.
Um dia se ouvirá
o tropel da Grande Marcha
e Ela ressoará como um bronze
na glória de um Grande Império.

E isto não é fonte geradora de Poesia? Não cria uma atmosfera propícia ao desenvolvimento de novas idéias e imagens?

Uma das primeiras preocupações dos fundadores do Integralismo foi a composição de um Hino. Lembro-me das vêzes em que, na minha casa, em São Paulo, ou na sede, nos reuníamos em volta do piano para ouvir e cantar as composições de Raul Caldeira, com versos de Miguel Reale ("Eia! Avante, coluna de fogo") *ou de Marcos Basagni, letra de Monteiro de Melo* ("Brasileiros, marchemos, marchemos!"), *ou a de João Sepe e letra minha* ("Lembra os feitos do audaz Bandeirante!"). *Lembro-me de tôdas as canções e de tôdas as marchas que,*

depois, fui ouvindo por todo o Brasil, dentre as quais duas me comovem até hoje, profundamente, a de Vicente Spinelli (homônimo do mártir da Praça da Sé em São Paulo), intitulada "O Chefe está chamando" e outra de Geminiano Guimarães ("Pelo bem do Brasil numa arrancada santa"), aquela na Bahia, esta em Ponta Grossa e ambos os autores falecidos não muito depois.

Tudo isto não é Poesia?

Se íamos a Ouro Preto, fazíamos a chamada de Tiradentes; se a Petrópolis, a de D. Pedro II; em São Paulo, a de Feijó; em Santos, a de José Bonifácio; em Bagé, a de Silveira Martins; em Recife, a de Nabuco. Eram romarias cívicas aos túmulos dos heróis.

Jorrava poesia de nossos atos e atitudes.

A comemoração que promovemos no Centenário de Carlos Gomes foi de uma beleza poética das mais impressionantes. Rodolfo Josetti — nosso Secretário Nacional de Cultura Artística — levou a Campinas uma orquestra sinfônica colossal, que se postou na escadaria do Teatro antes de se prenunciar a madrugada. Em frente, a Milícia Verde formou com um efetivo de 10.000 homens. Tudo se conservava em profundo silêncio.

Quando os passarinhos começaram a pipilar e os primeiros dilúculos da aurora iluminavam as nuvens ao Nascente, a orquestra começou a tocar a "Alvorada" do "Schiavo". À proporção que se desenvolvia o tema musical descritivo, a madrugada ia tingindo de tons de rosa e ouro a barra do horizonte e os passarinhos se juntavam

aos instrumentos musicais. Quando o dia rompeu e a música cessou, a Milícia, em posição de sentido, ouviu a minha palavra. Fiz a chamada de Carlos Gomes. Dez mil vozes responderam "Presente".

Era assim que o Integralismo inundava de Poesia uma Pátria que o Liberalismo-Democrático tornara prosaica, utilitária e incapaz de sonhar.

Mas os nossos "Protocolos e Rituais", seguidos à risca em todo o País, eram fonte perene de Poesia.

De uma perseguição política nos aproveitamos para uma criação de grande efeito emotivo e união pelo pensamento dos integralistas de todo o Brasil, à mesma hora. Foi proibido pela Lei Bayma o uso de tambores e clarins pela nossa Milícia. Os políticos haviam notado o efeito aliciador dêsses instrumentos.

Imediatamente inseri em nossos Rituais a "Noite dos tambores silenciosos", designando a data da fundação do Integralismo para a cerimônia. Os tambores mudos durante todo o ano, rufavam naquela data em tôdas as sedes integralistas, ou em cerimônias públicas que muitas vêzes assumiam impressionante grandeza. À meia noite, precisamente, a maior autoridade local, diante da multidão de camisas verdes, dizia: "É meia noite. Em tôdas as cidades da imensa Pátria, nos navios em alto mar, nos quartéis, nos lares, nas fazendas, nas choupanas do sertão, nos hospitais e nos cárceres, os integralistas vão se concentrar três minutos, em profundo silêncio. É a noite dos tambores silenciosos". *Uma ou*

mais caixas surdas batiam devagar, durante êsses três minutos.

Os integralistas faziam, mentalmente, a seguinte oração: "Senhor escutai a prece dos três mil tambores que estão rufando neste instante em todo o mapa da Pátria. Ajudai-nos a construir a Grande Nação Cristã; inspirai-nos nas horas da dúvida e da confusão; fortalecei-nos nas horas do sofrimento, da calúnia, da injustiça; esclarecei nossos inimigos para que compreendam quanto desejamos a sua própria felicidade; defendei nosso Chefe e nossa Bandeira e levai-nos ao triunfo pelo Bem do Brasil".

Decorridos os três minutos, o presidente da sessão dizia:

"Esta cerimônia acaba de ser realizada em tôdas as cidades e povoados de tôdas as Províncias do Brasil. O Chefe está falando neste momento na Capital do País. A sua voz exprime o Pensamento e o Sofrimento de um milhão de camisas-verdes vigilantes, que montam guarda às tradições da Pátria e cujos corações batem como um milhão de tambores que nenhuma fôrça poderá fazer calar, porque êles pertencem a Deus e anseiam pela grandeza da Posteridade nacional."

Estas cerimônias criavam em todo o País um clima altamente poético. De tal forma que inspiraram a Jaime de Castro a famosa poesia que de tal modo empolgou os integralistas, que foi incluída no ritual da Noite dos Tambores Silenciosos.

Mas tudo era Poesia no Movimento Integralista. As próprias cerimônias fúnebres. À beira da sepultura, fazia-se a chamada, que era respondida por todos os presentes. Em seguida, a maior autoridade declarava que o companheiro morto fôra transferido para a Milícia do Além porque — dizia — "no Integralismo ninguém morre".

E as Matinas de Abril? Que Poesia! Comemorando a Primeira Marcha, que ocorrera a 23 de abril de 1933, as Milícias, em cada cidade, concentravam-se antes do amanhecer numa praça. Em silêncio profundo, aguardavam o nascer do sol. Quando o sol nascia, a autoridade maior mandava erguer o braço em saudação ao astro do dia. Em seguida, bradava: "Camisas verdes! Êste sol iluminou quatro séculos da História Brasileira; iluminou a primeira marcha dos integralistas e iluminará um dia a vitória do Sigma. Assim como esperamos hoje esta Alvorada, aguardemos confiantes o Futuro!" E a banda de clarins tocava a alvorada, enquanto rufavam os tambores.

Dêsse modo é que o Integralismo elevava o espírito da Nação. Era preciso dar-lhe capacidade poética. Os povos sem Poesia definham, deixam-se subjugar, morrem. Não constituem mais uma unidade, mas um conjunto de egoísmos que só pensam nos interêsses pessoais e materiais, no emprêgo, no lucro, na promoção, no confôrto. E as Pátrias morrem assim.

O que é preciso é ensinar a Pátria a viver. Para viver é preciso respirar. E o ar que as Pátrias respiram é a Poesia.

Compreende-se o motivo de terem surgido tantos poetas no Integralismo.

* * *

A coletânea organizada pelos Editôres dêste volume é, antes de tudo, documentária. É necessário dizer a fim de que não haja extranheza quanto à heterogeneidade dos valores e um certo desequilíbrio quanto à qualidade.

Há pontos altos, médios e até sub-médios. Dos trabalhos coligidos por Dario de Bittencourt, alguns atingem alta expressão poética e valor técnico, muitos outros não vão além do valor como subsídio histórico de um estado de espírito. O que não se pode contestar é que dêsse inventário ressaltam composições que poderiam figurar entre as melhores da literatura brasileira.

* * *

Os Editôres acrescentaram à Antologia alguns poetas que não constam do levantamento realizado por Dario de Bittencourt. São êles: Geraldo de Melo Mourão, J. G. de Araújo Jorge, J. Hercílio Fleury, Judas Isgorogota, Lopes Ribeiro, Marcos Sandoval, Nóbrega de Siquei-

ra, Nunes da Silva, Padre Melo, *êste fluminense, dado como espírito-santense, no ensaio de Dario e sem uma documentação completa de seus trabalhos.*

Certamente, esta primeira tentativa, de reunir a produção poética integralista num volume, não atingirá todos os fins visados. Haverá omissões inevitáveis. Mas estou certo de que, agora, de todo o território nacional, virão novos elementos dirigidos aos Editôres, o que facilitará a realização de um trabalho mais completo.

O essencial, nesta obra monumental, que é a "Enciclopédia do Integralismo", é a consagração num de seus volumes, da Poesia, que gerou o Movimento, criou um estado de espírito, tornou-se fonte perene de um Idealismo Superior. Com a próxima publicação do volume que trará o Hinário Integralista, ficará definitivamente documentado um dos aspectos mais nobres e encantadores do Movimento do Sigma — o seu sentido humano e divino da Poesia.

PLÍNIO SALGADO

O INTEGRALISMO E OS SEUS POETAS

EM 1936, Dario de Bittencourt, professor de Direito, membro da Academia Sul-Rio Grandense de Letras e Chefe Provincial da "Ação Integralista Brasileira", escreveu um ensaio sôbre "O Integralismo e os seus Poetas", entregando uma duplicata dos originais a Plínio Salgado.

O trabalho foi extraviado, em consequência do saque praticado na biblioteca e arquivos do Chefe Nacional da A.I.B. pela polícia da Ditadura.

Dez anos mais tarde, regressando Plinio Salgado do Exílio, o ensaio de Dario de Bittencourt veio, inexplicávelmente, ter-lhe de novo às mãos.

Agora, que se organiza e se edita a "Enciclopédia do Integralismo", o grupo que trabalha nesta obra monumental entendeu que não podia deixar de dedicar um volume à produção poética inspirada pelo Grande Movimento Nacional do Sigma. E o ensaio de Dario de Bittencourt veio facilitar a pesquiza, trazendo dados preciosos que orientaram a busca realizada em jornais e revistas da época.

*

* *

Era nossa intenção inicial publicar na íntegra o trabalho do brilhante escritor gaúcho. Notámos,

porém, que seria necessário atualizá-lo, suprimindo alguns trechos que perderam a oportunidade, acrescentando outros esclarecedores e mesmo refundindo alguns períodos. Essa revisão e adaptação só poderiam ser feitas pelo próprio autor, que reside em Pôrto Alegre, demandando tempo, o que não convinha aos objetivos dos Editôres no sentido de executar com presteza o plano editorial que se propuzeram.

Considerando, então, que o ensaio de Dario de Bittencourt, em suas linhas gerais, está excelente, resolvemos aproveitá-lo, o mais possível, como Introdução à coletânea de Poesias Integralistas, que constitui êste volume. Assim, adotamos o seguinte critério:

1.º) — Dos originais de Dario de Bittencourt (39 páginas datilografadas) aproveitar o que há de permanente como interpretação da Poesia e dos Poetas do Integralismo e tudo aquilo que servir, como notícia, de subsídio histórico e documental;

2.º) — Extrair do texto as poesias inteiramente transcritas e transportá-las para a segunda parte dêste livro;

3.º) — pesquizar nas revistas e jornais da época o material necessário à construção dêste volume, inserindo nêle muitos poetas não mencionados por Dario de Bittencourt, por terem surgido depois do ano de 1936 ou não terem anteriormente chegado ao conhecimento do autor do ensaio.

*
* *

Os leitores notarão que os Editôres só interferem nesta Introdução, quando resumem trechos do Ensaio ou lhe suprimem algum período, ou ainda quando, transferindo alguma poesia para a segunda parte do livro, como ficou dito, precisam estabelecer ligação entre dois períodos. Tudo o mais é o próprio trabalho de Dario de Bittencourt, entrando os Editôres apenas com tecidos conjuntivos ou com a atualização dêste ou daquêle trecho.

Dario de Bittencourt divide o seu trabalho em parágrafos. O primeiro trata de "O Integralismo e os Intelectuais". Demos a palavra ao ilustre escritor sul-rio-grandense.

*
* *

"Lá está no Manual Integralista" — escreve o autor do Ensaio — "que o movimento do Sigma considera como operários da Pátria, como trabalhadores intelectuais, tanto o químico que consome os seus dias nos laboratórios, como o astrônomo enamorado pela sideral sinfonia das esferas, como o poeta inspirado, o pintor, o músico, o escritor, pois todos exprimem o gênio da Raça e o esfôrço criador da Nacioalidade. O intelectual brasileiro deve vol-

tar-se para a sua terra, abandonando os exotismos bizarros de culturas alienígenas".

Procurado em fins de março de 1935 por um jornalista guanabarino, o Chefe Nacional do Integralismo concedeu uma longa entrevista ao "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, subordinada ao título "O Integralismo e a Inteligência Brasileira". Em certa passagem, o Chefe Supremo dos Camisas-Verdes disse:

> ... "O Integralismo quer mobilizar tôdas as fôrças intelectuais brasileiras, afim de formar uma verdadeira aristocracia da Cultura. O Integralismo, abarcando no campo das atividades humanas tôdas as suas expressões, envolve necessáriamente às intelectuais. Como decorrência do nosso pensamento filosófico, estão os problemas sociais, políticos, econômicos. Como cúpula, porém, de tôda a civilização que desejamos construir, estão os Pensadores e os Artistas. Em todos os ramos das atividades do Estado Integral, precisamos de intelectuais. São êles os que devem governar a Nação. Só êles compreenderão o alto sentido ético da nossa revolução. Só êles, pelo seu próprio desinterêsse pelos bens materiais, estarão em condições de recompôr equilíbrios, tôdas as vêzes em que ocorrer desequilíbrio pelo desencadeiamento das fôrças cegas do materialismo. Só êles,

pela sua sensibilidade, pela sua intuição e pela sua mediunidade serão capazes de compreender os mistérios da Raça, a voz secreta da Terra, os ansêios profundos da Humanidade".

*
* *

Trata, em seguida, o autor da "Mobilisação dos valores positivos", e escreve:

"Tão certo é que os intelectuais já estão compreendendo o sentido cultural da Revolução Integralista, que o Movimento do Sigma conseguiu mobilizar uma pleiade pujante de escritores, pintores, escultores, gravadores, musicistas, compositôres, atôres, assim como cientistas pertencentes às Academias de Letras, Sociedades de Medicina, aos Clubes de Engenharia, aos Institutos de Advogados, às Associações de Imprensa, às Sociedades Técnicas, às Associações Musicais e Teatrais, aos Centros Culturais, enfim às agremiações aliciadoras de trabalhadores do cérebro. Na Academia Brasileira de Letras, o Integralismo está representado por homens como Gustavo Barroso e o Conde de Afonso Celso e pela juventude de Ribeiro Couto. No Norte, fúlgidas inteligências estão integradas no Movimento do Sigma, podendo-se nomear Luiz da Câmara Cascudo, Mário Marroquim, Manuel Rodrigues de Mello, Prado Valadares, Hélder Câmara, Paulo Eleutério, Mário Ypiranga Monteiro e tantos outros. E o que

se observa no setentrião da Pátria, verifica-se também no Sul, onde vestem a camisa-verde Belisário Pena, Mansuêto Bernardi, Tasso da Silveira, Rodolfo Josetti, Augusto Frederico Schmidt, Ulísses Paranhos, Madeira de Freitas, Rocha Vaz, Vieira de Alencar, Almeida Magalhães, mais de cinqüenta catedráticos e docentes das Escolas Superiores e inumeráveis oficiais do Exército e da Marinha".

*
* *

Para demonstrar a preocupação do Integralismo pelas superiores atividades do Espírito, Dario Bittencourt transcreve a parte do Manifesto-Programa de Janeiro de 1936, onde o Movimento do Sigma objetiva em medidas práticas a realização do seu pensamento filosófico. É o Capítulo VII daquêle documento, que diz:

> "O problema da arte no Brasil tem sido sempre relegado a um plano secundário, como se o prestígio dos povos não se afirmasse, principalmente, pelas suas criações estéticas. O Integralismo, que quer restaurar os valôres espirituais, considera as artes como uma legítima expressão do espírito humano, suprema criadôra de harmonias e dignificadora da existência, a intérprete dos sentimentos humanos mais delicados e profun-

dos. Compreende que a Arte é a própria interpretação do mundo, num dado tempo, em dadas circunstâncias, segundo temperamentos próprios e um ritmo universal inerente à essência da sensibilidade e da emoção do Homem. Quer, pois, que a Éra Integralista se assinale por uma Arte que, na sua mais ampla liberdade, exprima o estado de espírito de um Povo renascendo em gloriosa primavera humana. O Integralismo não pretende impôr uma arte, como faz o Soviet russo. Movimento humano contra o artificialismo burguez e contra o mecanismo marxista e capitalista, quer imprimir uma orientação revolucionária profunda ao sentido da criação artística. Depois do convencionalismo burguez dos fins do século XIX, veio o convencionalismo das decomposições sistemáticas dos elementos estéticos, degradando-se a arte e o artista e chegando-se a uma atitude bem expressiva da disponibilidade intelectual e da insuficiência criadora de uma geração que nasceu velha como as múmias. O que aparece como novo no Brasil é uma dolorosa decrepitude literária e artística, último índice de um regime burguês, de um experimentalismo pedante e de uma sêde de originalidade de atitudes.

O Integralismo não pretende, porque seria impossível, traçar normas de criação aos artistas. A doutrina do Integralismo fundamenta-se na personalidade humana. Essa personalidade não terá expansão, enquanto o Estado não libertar os artistas das duras condições em que se encontram. Estimular a criação, ordenar as fôrças criadoras, divulgá-las, harmonizá-las num conjunto poderoso como expressão da sensibilidade e da emoção de um povo, eis o que cumpre ao Estado.

Só os Estados fortes podem elevar a Arte e os Artistas ao seu máximo prestígio. E o Estado Integral é o Estado forte. E, querendo harmonizar-se com tôdas as fôrças nacionais, considera a Arte como uma destas e lhe atribue a maior importância.

Assim:

1.º — O Integralismo criará o MINISTÉRIO DAS BELAS ARTES E LITERATURA, por êle sendo patrocinadas as Academias de Letras nacionais ou provinciais, a Escola de Belas Artes e tôdas as outras congêneres no país, as pinacotécas, os conservatórios; o serviço de estímulo e orientação do teatro e do cinema.

2.º — Todos os artistas brasileiros, pintores, escultores, músicos, atôres, serão mobilizados para uma grande obra de conjunto

nacional no desenvolvimento da produção artística.

3.º — O Ministério das Belas Artes manterá um Teatro Oficial.

4.º — O Ministério das Belas Artes promoverá Exposições, audições de música clássica e popular brasileira, representações teatrais, com o fim de, ao mesmo tempo, proteger os artistas e educar o povo.

5.º — Promoverá a criação do Cinema brasileiro com forte impulso governamental, de sorte que se aproveite, ao mesmo tempo, o assunto brasileiro, a paisagem brasileira e o artista patrício, com o maior e mais moderno rigôr técnico; fiscalizará também a entrada de **films** estrangeiros, que deverão ser traduzidos em português e ter dois vistos do Ministério da Educação, quanto à parte moral, e do Ministério das Belas Artes, quanto ao valor artístico.

6.º — O Ministério promoverá, nas grandes capitais, representações populares, sendo uma gratuita, do Teatro Lírico.

7.º — O Urbanismo, na parte referente à Arquitetura, ficará sujeito ao contrôle do Ministério das Belas Artes.

8.º — O Ministério promoverá cursos e conferências sôbre assuntos de arte, em tôdas as capitais do país.

9.º — O Ministério, de acôrdo com o Ministério das Corporações, assegurará as máximas garantias aos artistas brasileiros, protegendo-os por todos os meios, para que possam, com base material sólida, dedicar-se à sua atividade criadora.

10.º — O Ministério criará o Instituto do Folclore Nacional, mantendo um Museu permanente na Capital da República, cursos oficiais, e uma repartição especial de pesquizadores de todos os subsídios musicais, picturais, esculturais, lendários, da vida brasileira."

*
* *

No parágrafo 4.º do seu trabalho, Dario Bittencourt expõe a tese que sustenta. E diz:

"Nêste pequeno ensaio, verdadeiro documentário, queremos sustentar uma tese, que é a seguinte:

I.º — Á exemplo das grandes campanhas nacionais anteriores, quais as encetadas em prol da Independência, da Abolição do elemento servil e da implantação da República no Brasil, também a campanha PELA REVOLUÇÃO INTEGRALISTA tocou a alma dos nossos poetas,

incendiou o espírito da juventude estudiosa, propiciando magníficos surtos de inspiração e a fatura de verdadeiras obras de arte.

II.º — Ao invés de se confinarem, salvo casos esporádicos isolados, em tôrno de um único centro de floração (o Rio, para os pregadores da Independência e os da República; a Bahia e Pernambuco, para os anti-esclavagistas, e São Paulo, para os progonos do movimento literário denominado "verde-amarelismo") — os aêdos do Sigma encontram-se espalhados por todos os recantos do território pátrio, do Acre ao Rio Grande do Sul".

E prossegue:

"Iniciado há pouco mais de três anos, (1) o Integralismo conseguiu empolgar a consciência da nossa mocidade, sendo esta, por sem dúvida, uma das causas do crescente e espantoso progressso realizado pelas idéias do Sigma em todos os quadrantes do Brasil.

E, porque o movimento integralista é, em verdade, um movimento da mocidade — tanto que o sr. Plínio Salgado preconiza, amávelmente, aos velhos para "perseverarem na perene juventude" —

(1) — Estas considerações eram escritas em 1936.

não é de extranhar, por isto mesmo, que, em quase tôdas as províncias existam Poetas Integralistas, a cantar as belezas dos rumos da grande marcha ou a decantar motivos próprios dos **"camisas-verdes"**.

*
* *

"Impossível será" — diz Dario de Bittencourt — "num trabalho como o presente, evocar todos os aêdos do Sigma, tanto mais quanto é certo que, devido à deficiência de intercambio cultural, muitos e muitos artífices do verso, espalhados pelo Brasil à fora, ser-nos-ão desconhecidos".

Começa por apreciar "Os livros de poemas integralistas", que no tempo em que o autor escrevia, eram apenas dois e uma plaquêta: o "Anauê", de Mayrink, o "Rumor de Passos", de Floriano Mendonça" e "A noite dos tambores silenciosos", de Jaime de Castro. O primeiro fluminense, o segundo bahiano, o terceiro pernambucano residente no Rio Grande do Sul.

Mas deixemos falor o autor do ensaio sôbre "O Integralismo e os seus Poetas" :

"Mayrink publicou em 1934 um volumezinho de poemetos sob o título "Anauê". Bela apresentação gráfica da editôra Star, com ilustrações de Pereira da Silva. A edição de três mil exemplares foi disputadíssima e, assim, tornou-se um livro raro da

avantajada bibliografia integralista. O poeta Mayrink tornou-se o intérprete do sentimento despertado no Povo Brasileiro pelo Movimento do Sigma. Traduzindo as suas emoções em imagens sempre originais, o seu livrinho é uma mostra de finos lavores de artista. Seu entusiasmo pela "camisa verde" que envergou num momento de exaltação patriótica, exprime-se no sonêto de que transcrevemos a primeira quadra:

"Esta camisa-verde há-de passar à História!
É uma razão de luta, a justificativa
da chama que ela acende e mantém, rediviva,
dentro do coração, no fundo da memória..."

"O poeta do Integralismo, em cada poema, exalta sempre, e cada vez mais, o patriotismo de seus leitores. Quizéramos que todos os brasileiros possuissem êste pequeno volume para que pudessem familiarisar-se com o estro de um poeta que desperta as fôrças vivas da Nacionalidade".

Sôbre "Rumor de passos", de Floriano de Mendonça, Dario de Bittencourt escreve:

"Também em 1934 Floriano de Mendonça dava à publicidade, na Bahia, a um livro de poemas integralistas, procurando desenrolar aos olhos do leitor, como num panorama, a visão do Estado Integral. O volume é constituido por oito poemas intitulados: "Gigante de Pedra", "De pé!", "Vozes da

escola", "Vozes do campo", "Vozes da Fábrica", "Vozes da Pátria", "Rumor de passos" e "Anauê !".

Floriano de Mendonça fez poesia social. A poesia social é a verdadeira poesia da hora que passa".

"O volume de Floriano de Mendonça intitula-se, já o dissemos, "Rumor de passos". O poema final termina assim:

"O ruído dos passos avança,
sob a sombra do lábaro azul.
Já invencível exército alcança
todo o vasto Brasil, norte a sul".

Êstes versos, assim como o título do livro, inspiram-se no último capítulo do romance "O Esperado", do Chefe Nacional do Integralismo. O delírio febril de Edmundo Milhomens, marcando o termômetro 40 graus e ouvindo o enfêrmo um extranho "rumor de passos", quarenta milhões de sêres andando, oitenta milhões de pés movendo-se, lerdos e pesados, mas inflexíveis e insistentes. O Brasil andando. Multidões a crescer de todos os lados. Para onde ?"

Entra depois Dario Bittencourt a falar de Jaime de Castro e da sua "A Noite dos Tambores Silenciosos". E explica:

"Comemorando todos os anos a data de 7 de outubro, aniversário do lançamento do Manifesto de Outubro, que é o documento básico do Integra-

lismo Brasileiro, em todos os núcleos dos "camisas verdes", espalhados pelo território nacional, realizam-se, à noite, sessões especiais, de tal maneira que os respectivos trabalhos se prolonguem até meia noite. Chegada essa hora, a autoridade, que presidir os trabalhos, convidará a assistência a pôr-se de pé e, em meio ao mais absoluto silêncio, profere uma oração ritual, que é declamada, à mesma hora, em todos os núcleos integralistas do País. Em meio dessa oração, ouve-se a princípio indistinto, em seguida mais forte, o retumbo das caixas surdas da extinta milícia dos "camisas verdes".

"A mística do ato é devéras impressionante, atingindo ao paroxismo, quando — após as caixas surdas rufarem durante três minutos, o presidente da sessão explica: — "É a voz da Pátria, que ninguém pode abafar. É o culto pelos nossos mortos. É o culto de Deus, da Pátria e da Família, da Grandeza Nacional. O anseio pela ressurreição da Raça e pela alvorada de um Povo. Essa voz é um pranto e um apêlo..."

"Impressionado com a cerimônia, na mesma Noite dos Tambores silenciosos" de 1935, Jaime de Castro, madrugada alta, tendo aos ouvidos o cadenciado do tambor surdo, escreveu, de um jacto, o poema que rápidamente se tornou conhecido em todo o País".

*

* *

Prossegue o autor do interessante ensaio dizendo :

"Tôdas as províncias integralistas já possuem seus poetas; e se nêste trabalho não comparecem os representantes de algumas delas, cabe a culpa à inexistência de um maior intercâmbio na amplitude de tão vasto país. Obedecendo ao critério geográfico, iniciemos uma viagem amável través do Brasil, de norte a sul, do Amazonas ao Rio Grande, respigando boa porção de trabalhos poéticos de integralistas. Valer-nos-emos dos jornais dos camisas-verdes".

"AMAZONAS — Iniciando a elaboração dêste trabalho, uma preocupação nos assalta a mente: Amazonas, terra de tantos literatos, possuindo já um livro publicado sôbre o Integralismo, intitulado "A caminho de novos rumos", de autoria do Chefe Provincial Paulo Eleutério, não possuiria, acaso, um só camisa-verde que fôsse poeta ? Em vão folheavamos, impacientes, os jornais que dalí recebíamos, e nada de achar uma só poesia integralista.

"Fiavamos, contudo, ainda achar um poema integralista de poeta amazonense; não julgávamos, porém, descobrir tão já êsse poeta da terra equatorial da água grande e da vitória régia... Eis que, de surpêza, deixa-nos o correio o número inicial do jornal "Renovação", aparecido em Manaus a 4 de outubro de 1935, trazendo na página de rôsto uma grande fotografia do Chefe Nacional. Com açoda-

mento, abrimos as fôlhas do novo órgão e encontramos logo um belo poema de **Mário Ypiranga Monteiro**, que assim começa :

Integralistas ! Mãos no espaço, eu juro !
A redenção de um povo fracassado
vem das sombras fechadas do passado
para a alvorada em sangue do futuro !

Era um poema bem amazônico, de noites negras e madrugadas sanguineas. (1).

MARANHÃO — Sendo, desde o Império, a "Atenas Brasileira", não poderia o Maranhão deixar de contribuir com magnífico contingente na parada dos poetas do Integralismo. E, assim iniciando o desfile, apresenta-se, de logo, o "camisa-verde" **Ribamar Pereira**, autor de uma "Marcha Integralista" musicada por Paulo Almeida e que é cantada alí, sendo assim a estrofe final:

Brasil — pelo teu passado
que a História tem consagrado,
por teu destino mais puro,
juramos, solenemente,
que — se és grande no presente,
maior serás no futuro !

---

(1) — Está na 2.ª parte dêste livro.

C. Lopes, outro poeta, em 14 de julho de 1934 compôs uma longa poesia subordinada ao título "Integralistas, Avante!", aparecida na imprensa no dia seguinte; é puro estílo condoreiro, lembrando o verbo inflamado de Castro Alves ou as arremetidas da juventude arrojada do sr. Múcio Teixeira... Vêde isto:

"...**Desfraldemos a Bandeira**
da côr azul dêste céo,
paládio da Liberdade,
de Vestal da Pátria o véo,
— porque o emblêma do Sigma,
para os covardes um enígma,
é Brazão, Pálio e Troféu!"

e isto ainda:

"...**Se a Velha Democracia**
das Nações carrasco e algoz,
pretender que seus desmandos
venham pesar sôbre nós,
sejamos, com a Pátria à vista,
numa atitude altruista,
por direito de conquista,
Revolucionários e Heróis!"

Outros poetas integralistas ainda existem na Província do Maranhão. Dentre todos se destaca

Manoel Sobrinho, autor de inumeráveis poemas, dentre os quais o intitulado "Exortação!", dedicado às brasileiras integralistas, às infatigáveis companheiras de blusa verde, representantes de nossas mães, irmãs, espôsas e noivas.

Esta "Exortação", pela imponência das seus alexandrinos hieráticos, assim como pela beleza dos pensamentos, é o bastante para consagrar a **Manuel Sobrinho** como um dos mais expressivos poetas do Integralismo. Outro poema seu, de larga envergadura é "A Libertação do Espírito", publicado no jornal "O Integralista", de São Luís do Maranhão a 27 de outubro de 1935 e em seguida transcrito em diversos outros jornais da cadêia "Sigma-Jornais-Reunidos".

Maranhão surge-nos ainda com um novo poeta, **Oliveira Ferres**, cheio do sentimento da terra, que dedica a Plínio Salgado uma "Cantilena sertaneja", que assim começa:

Boqueirões, tombadores e chapadas,
verdes matas e serras altaneiras;
azinhagas, caatingas orvalhadas,
fulgores de manhãs alviçareiras...

CEARÁ — A terra dos "verdes mares bravios", das jangadas de velas triangulares e de Iracema, a "virgem dos lábios de mel", comparece a êste desfile pela vóz de **Sidney Neto**, com uma barcarola de-

dicada à "Província do Mar", que era constituida pelos integralistas da nossa Marinha Mercante.

Também é de Sidney Neto o poema "Soldado Verde", em que diz:

na consciência feliz do seu próprio dever,
é o soldado fiél, que não recúa nunca,
é o soldado de Deus, que beija a cruz e a espada,
e tem na fronte o clarão da alvorada
e não pode morrer.

Edalves, sem dúvida pseudônimo, publica no jornalzinho "A Idéia", de Aracatí, na edição de natal de 1935, uma longa poesia sob o título "Ao ruflar dos tambores surdos" e alusiva à "Noite dos tambores silenciosos".

RIO GRANDE DO NORTE — Essa Província, recentemente abalada pela sanha nefasta dos comunistas (1) também possui seus poetas integralistas. O Integralismo potiguar fala em Mossoró, pois foi alí que surgiu o primeiro jornal do Sigma, intitulado "A Voz Integral". Terra das salinas, se alí se encontrou um reduto vermelho, também se ergueu um reduto verde. Entre os jovens poetas de Mossoró, anotamos **Assis Silva** autor do sonêto "Integralismo" e um anônimo, que se esconde nas iniciais V. A. Êsse poeta, logo após a revolução comunista que dominou o Rio Grande do Norte durante alguns

(1) — O autor escrevia em 1936.

dias, sendo sufocada, escreveu uma poesia que termina assim:

Eis o "sublime" idealismo
que homens faltos de civismo
vêm à Pátria oferecer !
Mas o Povo Brasileiro
brada-lhes, firme e altaneiro :
Isso... aquí ? Não pode ser !

PERNAMBUCO — A brava gente do "Leão do Norte" também está empolgada pela doutrina do Sigma. Dado o avanço das idéias comunistas, que avassalaram os engenhos de açucar, as moendas de cana, os estabelecimentos fabrís, chegando em alguns dêles a ser arvorado o pavilhão da foice e do martelo, o povo pernambucano, temente a Deus e fiél às tradições da Pátria, apegou-se ao Integralismo. (1)

E até no sertão a palavra de fé na doutrina do Sigma foi levada — após a conferência de Plínio Salgado na Faculdade de Direito do Recife, em 1933 — por uma posterior Bandeira constituida por Eurípedes Cardoso de Menezes, Almeida Salles, Ordival Gomes e Mayrink.

---

(1) — Pernambuco foi o primeiro Estado que respondeu ao Manifesto de Outubro de 1932, lançado por Plínio Salgado. A 24 de novembro, daquêle ano, um grupo de estudantes da Faculdade de Direito do Recife publicou um Manifesto aderindo ao Integralismo. Vêr o IV Volume desta Enciclopédia. (Nota dos Editôres).

O mais conhecido poeta integralista de Pernambuco é **Pessoa de Lima**, autor da "Canção do Segundo Tamoio", estampada na revista carioca "Anauê" e que assim conclui:

Um dia a Pátria escreverá cantando,
no bronze da História Integralista,
o nome do Homem que viveu lutando:
o segundo Tamoio do Brasil!

ALAGÔAS — Esta Província faz-se representar por dois poetas. O primeiro é **Jacinto de Figueiredo**, irmão de Jackson de Figueiredo, que dedicou ao Movimento do Sigma numerosos poemas. Entre êsses, o intitulado "Integralistas", em corretos e elegantes versos alexandrinos, que principia dizendo:

"É o Brasil Integral, nacionalista e forte,
sem divisões ao Sul, sem divisões ao Norte,
e das praias do mar às fronteiras do Oeste,
com seus vales em flôr e as tristezas do agreste.

Mas Alagôas oferece-nos outro Figueiredo poeta; trata-se de Figueiredo Carneiro, que deu à publicidade o sonêto "Em marcha!", na edição de 9 de dezembro de 1935 do jornal integralista "A Província", de Maceió.

SERGIPE — A terra de Tobias Barreto faz-se representar no desfile dos poetas integralistas por uma verdadeira embaixada. Eis os seus componentes: **Aguinaldo Celestino** (Chefe Provincial),

Clodoaldo de Alencar, José Amado Nascimento, Luciano Lacerda, Henrique Batista de Sant'Ana Júnior e Alfredo Gomes.

Aguinaldo Celestino compôs um poema em versos e ritmo modernos, vendo a apatia do nosso desconsolado Jéca Tatú. Depois de descrever a vida rude e desesperada do melancólico personagem, convida-o a participar da mesma marcha que estão realizando os camisas-verdes.

José Amado do Nascimento compôs uma profissão de fé dedicada ao camisa-verde Omer Monte Alegre, intitulada "Pátria", que apareceu em junho de 1935 no jornal "O Sigma", de Aracaju.

Clodoaldo de Alencar, com técnica e estilos modernistas, interpreta o trabalho grandioso que Plínio Salgado vem realizando, comparando-o àquêle gigante da mitologia que se vê representado carregando aos ombros o glôbo terrestre. A idéia é inspirada no fato de ser insígnia do Chefe Nacional do Integralismo uma esféra armilar nas ombreiras.

Alfredo Gomes, à noite de 13 de novembro de 1935, após ouvir a palavra de Plínio Salgado, compôs inspirado poema, "Um conselho de mãe", que poderá ser encontrado no "O Sigma", de Aracaju, edição de 15 de dezembro daquêle ano.

BAHIA — Além de **Floriano Mendonça,** autor do livro "Rumor de passos", a Bahia gloriosa ainda nos manda, a esta original parada, os poetas **Eulálio Mota,** autor da poesia "O Brasil acordou", **Nica-**

nor Carvalho ("Dois Destinos", "Milícias verdes", "O anauê dos vaqueiros" e outras) e **Da Silva Garcia**.

Para se aquilatar da inspiração e forma poética de **Nicanor Carvalho**, basta citar os primeiros versos de "Milícias verdes":

> **Estamos na floresta. É hora da alvorada.**
> **Engalanando de ouro os largos horizontes,**
> **polvilhando de luz a imensidão das selvas,**
> **nasce, festivo, o sol, no píncaro dos montes...**

Da Silva Garcia, tão enojado ficou com um transfuga do movimento integralista, que acena-lhe com o exemplo de Judas, no sonêto "Soldado do Sigma", onde estúa a sua ardente paixão pelo ideal a que se entregou.

MINAS GERAIS — A populosa Província mediterrânea, que tão cêdo se puzera de pé à voz de Plínio Salgado, também não podia deixar de comparecer a esta parada de Poesia. Sua representação é notável.

Grande estro, eloquente, rico de imagens, **Dantas Motta** revela-se não apenas um dos maiores poetas do Integralismo, porém da própria poesia brasileira. Cantando o supremo Ideal, canta também a natureza da sua Província, comparando a Serra da Mantiqueira a um grandioso "Anauê", sendo o pico do Itaiáia o mais elevado cume do Brasil, qual uma pétrea interjeição.

Outro mineiro, cultor da poesia integralista, é **Mauro Moreira**. Suas composições ressumbram doçura e nobre espírito cristão e de humanidade pelo que não podemos deixar de classificá-lo entre os valores da poesia em nossa terra. Mauro é também jornalista, tendo fundado e dirigido o jornalzinho "Sigma", de Juiz de Fóra.

Poetas integralistas mineiros são ainda: **Heráclito M. de Sá, Zacarias José, Padre Benedito de Lucca, Juvenal Costa, Augusto de Lima Filho,** êste já consagrado escritor e historiador.

ESPÍRITO SANTO — A terra capichaba faz-se presente no desfile dos aêdos integralistas, representada por **Alvimar Silva, Osmar Barbosa, Eymard Cardoso de Barros**. O primeiro, no poema "Meu Brasil", combate o "ufanismo" e canta a Pátria com novo espírito; o segundo, filía-se ao parnasianismo, de formas castigadas e rimas raras; o terceiro, com grande fôrça de inspiração, canta assim:

"Ouço um rumor de exército marchando:
passos,
clarins,
tambores,
cantos...

O rumor vai surgindo e rápido aumentando desde os Pampas à Amazônia...

GUANABARA — A Província Integralista de Guanabara — assim denominada desde a vitoriosa realização do Congresso de Petrópolis, em março de 1935, constituída pelo "Município Neutro" do Império e pelo "Distrito Federal" da República — é formada pela cidade do Rio de Janeiro, suas circunsvizinhanças e ilhas; o Integralismo, nêsse setor, é uma verdadeira fôrça, como pessoalmente, tivemos a alegria de constatar. Coração do Brasil, a capital da Província de Guanabara não poderia se apresentar nêste trabalho a não ser com uma luzida delegação.

É assim que responderam à chamada: **O. Muniz, Luiz Michellotti, J. T. de Castro Alves** e outros.

Muniz é autor de um "sonetércio" vindo a lume no 2.º número da revista "Anauê!" e com êsse mesmo título; o "sonetércio" é uma variante do sonêto, constituída de três quartêtos, três tercêtos, ao todo 21 versos.

Michelotti publica em "Anauê", do Rio, "O mais belo manifesto", que assim considera o gesto ingênuo de uma criança fazendo a saudação integralista.

Castro Alves (J.T.) é autor de numerosos sonêtos entre os quais "A quarta humanidade" e "A terra era uma só".

PROVÍNCIA FLUMINENSE — Apresentam-se como representantes do Estado do Rio, o **Cônego**

José Thomaz de Aquino Menezes, Júlio Dias e Mayrink, de quem já falamos. O primeiro, compôs um hino para o Núcleo de Miracema e um sonêto "A Voz de Deus"; o segundo no jornal "A Marcha", de Petrópolis, edição de 19 de novembro de 1935, publicou o sonêto "Integralismo".

SÃO PAULO — Bêrço do Integralismo, terra de Plínio Salgado, província onde o Chefe Nacional dos "camisas-verdes", pela primeira vez, lançou seu Manifesto famoso e onde, pela vez primeira, a 23 de abril de 1933, saiu êle à rua, à testa de um pugilo de môços que marchavam com a cerviz erguida e o rôsto iluminado por um grande ideal, trajando o conhecido uniforme integralista — São Paulo, por tudo isto, não poderia deixar de responder com um "presente!", quando se faz uma parada lírica e um desfile espetacular dos Poetas do Integralismo.

Vêde só a galharda representação paulista:

Lima Netto, chefe municipal da capital de São Paulo, encarta-se na poesia modernista do Brasil, em cujo ritmo tem publicado mais de um volume de poemas.

Brasil Pinheiro Machado, pertencente a tradicional família de nossa história política, é outro vate integralista; pertence a êsse môço uma aquarela animada, descrevendo a impressão do brasileiro do norte ao chegar a certas regiões colonizadas do sul do país. O nortista encontra o menino, filho de imigrantes, falando "numa lingua igualzinha à dos

caboclos", "sem regras de gramática, graças a Deus"...

Almeida Salles (Francisco Luís) — é autor de várias poesias integralistas, das quais a mais conhecida é "O Poema do Braço verde", em que retraça o amanhecer do Brasil, com o aparecimento do homem brasileiro, desde a Amazônia até ao Pampa. Essa poesia foi das que maior sucesso alcançaram, sendo declamada em todo o país. Dá idéia do alvorecer do grande Movimento do Sigma, quando diz:

... da imensidão geográfica
braços verdes se alçaram, então,
em direção ao céu,
como uma profecia.
Braços verdes
cortaram a paisagem
como as flexas de Perí riscando o azul.
Braços verdes fremiram na apoteose da fôrça,
como as palmas verdes dos cocáis distantes
ao vento do sertão...

Enfileiram-se, ainda, na seleta representação poética de São Paulo os poetas: **João Edison de Mello; Carlos Gualtieri** (São Carlos); **Monteiro de Mello**, autor da marcha n.º 1 da extinta milícia integralista, a que déra o título "Anauê! Anauê!", devidamente musicada; **Benedito Bevilaqua** (Ouro Fino), mineiro residindo em S. Paulo; e outros muitos en-

tre os quais **Abílio Barsotini** (Espírito Santo do Pinhal); **Isaltino Sant'Ana** e **João Grossi** (Jaú).

PARANÁ — A terra das araucarias também está presente com seus poetas (1). São êles **Geminiano Guimarães**, da cidade de Ponta Grossa, autor de um hino que se tornou conhecido e amado, pela beleza dos versos e sentimento musical. Certa vez, tendo a polícia paranaense proibido o uso da camisa verde, escreveu o sonêto "Palavras ao Brasil" que assim termina:

Que arranquem a camisa e arranquem tudo!
Verão em nosso peito, então desnudo,
que o Integralismo está no coração!

O hino de que falamos, letra e música de Geminiano, foi ouvido por Plínio Salgado, quando passou, com sua filha Maria Amélia, pela cidade de Ponta Grossa e, segundo narra a revista "Invicta", de Curitiba, ficou tão emocionado, que imediatamente o oficializou como Marcha Integralista do Paraná.

Lourival Santos Lima, entre outras composições, escreveu o sonêto "Marcha inaudita", em 8 de junho de 1935.

O Paraná contribue ainda com os poetas **Carlos Moritz, Ângelo Antônio Delagrave e Antônio Regis**, êste de Paranaguá, autor de um sonêto subor-

(1) — O Integralismo tem a glória de contar nas suas fileiras um dos maiores poetas da lingua portuguêsa: *Tasso da Silveira*, que é filho do Paraná.

dinado ao título "Na noite dos tambores silenciosos".

Santa Catarina — Em Santa Catarina anotámos dois poetas: **D. S. Padão e G. Varella**. Aquêle escreveu um "Poema do Homem Negro" e êste uma verrina contra a Liberal-Democracia.

Rio Grande do Sul — O poeta integralista gaúcho, aquêle que interpretasse efetivamente o sentimento coletivo dos camisas-verdes, do Rio Grande do Sul, ainda não despontou. Contudo, não podem deixar de ser lembrados os trabalhos poéticos inspirados em motivos integralistas, que trazem as assinaturas de **Jorge Cafruni, Matias Bitencourt** (Taquarí), **Adão Valente** (Caxias do Sul), **Oswaldo da Silva Reis, Nestor Contreiras Rodrigues e Dario Bittencourt** (autor dêste ensaio) que escreveu a letra da Canção "Anauê", para os camisas-verdes gaúchos, musicada pelo maestro Léo Schneider e que tem em elaboração um volume de "Poemas Integralistas".

*

* *

Dario de Bittencourt termina o seu ensaio com a seguinte **Conclusão:**

Êste desataviado ensaio é um méro trabalho de pesquiza; tem êle, apezar disso, um mérito: — tornar conhecidos a POESIA INTEGRALISTA e os POETAS DO INTEGRALISMO, demonstrando, documentadamente, de maneira cabal, completa, ir-

respondível, que, à exemplo das grandes campanhas nacionais em pról da Independência, da Abolição do elemento servil e da Proclamação da República, também a nobilíssima campanha PELA REVOLUÇÃO INTEGRALISTA tocou a alma dos nossos poetas moços, incendiou o espírito da juventude estudiosa, propiciando magníficos surtos de inspiração e a fatura de verdadeiras obras de arte.

E, assim, também provado fica que — ao contrário dos poetas daquêles movimentos patrióticos, que se circunscreviam a determinado centro — os aêdos do Sigma encontram-se espalhados, derramados por sôbre tôda a carta geográfica da Pátria.

Outros, com mais luzes e melhor documentação, prosseguindo na estrada que palmilhei, que busquem completar êste trabalho; os latinos, na sua sabedoria, já diziam — **"faciunt meliora potentes"**.

*
* *

Respondendo a Dario de Bittencourt, diremos que ninguém faria melhor do que êle, que supriu com sua paciência de pesquizador as deficiências de informações num país sem vocação para a troca de correspondência epistolar. O que agora nos cumpre é tomar êste volume como ponto de partida para uma arrecadação completa das poesias que o Integralismo inspirou.

OS EDITÔRES.

COLETÂNEA

PALAVRAS AO JÉCA

Aguinaldo Celestino

Vem conosco, ó Jéca, nosso irmão !
Somos os soldados verdes do Brasil
e sob a Bandeira Azul e Branca do Sigma,
empreendemos a marcha gloriosa,
sacudindo o Gigante Adormecido
que há meio século ressona.

Ouves, Jéca, êste ruído ?
Êste pulsar de corações febrís ?
É a Mocidade em marcha,
é o sapatão dos novos, ousados Bandeirantes,
são os clarins anunciando a aurora !
São os clarins, os tambores invocando
uma eterna alvorada !

Vem conosco, ó Jéca, nosso irmão !

CONSELHO DE MÃE

Alfredo Gomes

Meu filho,
tu, que és mocidade,
tu que sentes na alma a beleza do século
tu que sentes, eu sei, o amôr ao teu Brasil,
não sejas indiferente
ao Grande Movimento
que vai por tôda a Pátria.

Quem fala é tua mãe que te quer ver feliz,
tua Mãe que é muito velha,
mas que sabe o que diz.

Não sejas indiferente e nem tão pouco egoista:
Se amas a tua terra,
veste a camisa verde e faz-te integralista!

POEMA DO BRAÇO VERDE

Almeida Sales (Francisco Luís)

Então a Terra despertou.
E a cabeça se ergueu, arrastando caudais,
no plasma germinal
da Amazônia misteriosa.
E os pés estremeceram
sacudindo a poeira
dos pampas infindáveis.
Amazônia! Cérebro jovem da Terra!
Pampa! itinerário da raça.
E o Brasil começou a caminhar.

Filhos da floresta apareceram:
os que vinham sofrer
e os que vinham lutar.
Traziam no peito
a chama da grandeza perene da Pátria
e nos olhos inquietos
tôda a precisão dos horizontes infindáveis.
O ideal plasmara-lhes um ritmo de marcha
e as suas roupas eram verdes
como as matas indevassáveis do continente.

Êles chegaram e se puzeram a falar
E um jovem — o Futuro —
começou a espalhar
que era a própria
linguagem da Terra!

Da imensidão geográfica
Braços Verdes
se alçaram, então,
em direção ao céu
como uma profecia.

Braços Verdes
cortaram a paisagem
como uma flexa de Perí
riscando o azul.

Braços Verdes
fremiram
na apoteose da fôrça
como as palmas verdes dos cocais distantes
sob o vento impiedoso do sertão.

Braços Verdes
apontaram, incisivamente para o alto
como dêdos de montanhas erétas
na antecipação religiosa de um fim.

Braços Verdes
se estenderam
abençoando o panorama pátrio
como o braço dos rios
no colo êrmo dos vales.

Braços Verdes
se prolongaram na distância,
trêmulos de anseio,
como a incerteza empoeirada das estradas.

Braços Verdes
se atiraram para o alto
como o salto espantado das serpentes
nas selvas encantadas.

Braços Verdes
inquiriram o infinito
como o canto verde
da jurití nostálgica
na amplidão desolada das campinas.

Braços Verdes
se paralisaram num anséio
como as tôrres vitralisadas das igrejas
na crucificação das nuvens peregrinas.

Braços Verdes !
Braços Verdes como as nossas esperanças
de um futuro melhor
na terra desamparada do Brasil.

Mocidade ! Minha Terra !
Terra da mocidade ! Mocidade da terra !
A Terra môça te esperava, mocidade !
Pois só tu
Conseguirás realisar
na Terra divina das grandezas
a grandeza divina da Terra.

COMUNISMO

Assis Silva

Meninos esfarrapados,
imundos, abandonados,
ao crime e ao roubo se entregam:
abrindo as portas do abismo,
os russos do Comunismo
a moral e a crença negam.

Milhões de sêres, forçados
por bandidos, explorados,
sem liberdade e sem pão,
gemem, morrem no trabalho,
não se lhes poupa o vergalho
e a mais feróz opressão...

Uma perfeita espionagem
ao povo eclipsa a miragem
de um futuro menos vil:
ou trabalha como escravo
das descargas de fuzil!

Honra e fé... palavras vagas!
Deus... foi banido das plagas
onde reina o homem-féra...
Mulher... ei-la degradada!
A propriedade é roubada!
Liberdade — uma quiméra!

Eis o "sublime" idealismo
que homens faltos de civismo
vêm à Pátria oferecer!
Mas o povo brasileiro
brada-lhes firme, altaneiro:
Isso... aquí? — Não há de ser!

TROVAS INTEGRALISTAS

Augusto de Lima Filho

Brasileiro ergue a cabeça,
mostra o peito varonil,
antes que o mal aconteça,
salvaremos o Brasil !

Defenderemos a glória,
viveremos sempre à luz
dos grandes heróis, da história
da terra de Santa Cruz !

Seja o Brasil um Gigante
no território e na gente !
O peito de Bandeirante,
coração de Inconfidente !

Juremos ser legionários
de Deus, da Pátria e Família
e nossos peitos sacrários
de tão santa trilogia.

O Integralismo fulmina
do crime a torpeza enorme,
nenhum de nós assassina
o companheiro que dorme. (1)

Seja a Pátria mãe do pobre,
césse o burguês despotismo!
Sòmente a virtude é nobre
no seio do Integralismo!

---

(1) — O poeta refere-se aos horríveis acontecimentos de 1935, quando oficiais comunistas, no quartel do 3.º Regimento (Rio) assassinaram os colegas que dormiam.

EXORTAÇÃO

(À MOCIDADE BRASILEIRA)

Pe. Benedicto de Lucca

Ó moço, aonde vais pela existência, afóra,
sem uma crença nobre, esplêndida e imortal?
Arma-te cavaleiro e no teu peito arvora
O pavilhão do sonho e a flâmula do Ideal!

Ó moço, em cujo olhar o desespêro mora
da raça que definha agônica e espectral;
Mergulha, sem tardar, na verde luz da aurora
que no céu do Brasil desponta virginal.

Não escutas a voz sagrada da Nação
no rufo do tambor, na marcha nunca vista
dos homens que constróem a Pátria Integralista?

Vem libertar, ó môço, o auri-verde pendão
arrancando o Brasil das garras dos increus,
Vem conosco formar no exército de Deus!...

"O INTEGRALISTA"

Pe. Benedicto de Lucca

Chamam-no, quase sempre, de extremista
e de baldões o cobrem, a cada hora;
nem lhe poupam o sangue idealista
os que lhe seguem a voz que vem de fóra...

Mas Êle, prêso à Fé nacionalista,
das iras de Moscou não se apavora;
sereno e forte, os corações conquista
e a Flâmula de Deus mais alto arvora.

Às facções que se odeiam não pertence
êsse espírito harmônico e viril
que todo o mapa espelha do Brasil.

Pela fôrça da Idéia é que Êle vence
na épica esplendidez dessa arrancada
em que eterna fulgura a Pátria amada.

AQUILO NÃO ERA BRASIL !

Brasil Pinheiro Machado

O Brasileiro nortista que chegava
dizia que aquilo não era Brasil !
Que aquilo era uma aldêia Russa !
...Só que o brasileiro do norte que chorava a
[desbrasilidade do sul,
não notou que quando parava o seu fórdinho na
estrada esburacada e apeava, para pedir água ou
comprar fruta na chacrinha em frente
o polaquinho,
o russinho,
o alemãozinho,
o italianinho
nascido alí,
traduziu o pedido do viajante pro pai e do pai pro
[viajante
numa lingua igualzinha à dos cabôclos côr
[de bronze amulatado,
sem regra de gramática portuguêsa, graças a Deus !

O NOVO ATLAS

Clodoaldo de Alencar

Que quer dizer aquela extranha insígnia
que o Chefe Nacional conduz à ombreira? (1)
— O mapa do Brasil, e, sôbre o mapa,
o símbolo do cálculo integral,
— O Sígma,
a imagem do Brasil organizado,
a síntese de todos os problemas de hoje,
que interessam de perto à Nação dos Tupís.
— E porque sòmente o Chefe pode
usar tão lindo quão bizarro emblêma?
— Porque o Chefe representa:
montanhas, vales, rios, minas,
planaltos, campinas, florestas, cidades,
promontórios, luar, céu, sol, cascatas,
em suma — todo o nosso território,
tudo quanto é brasileiro, é grande, é belo, é forte,
e cujo aproveitamento
nos propomos fazer num gesto heróico!
Sôbre os ombros do Chefe
— O NOVO ATLAS —
está, pois,
o Brasil, — que não quer ficar fora do mundo!

---

(1) — A insígnia do Chefe Nacional era a esfera armilar nos hombros (Vêr "Protocolos e Rituais", volume X).

À MULHER BRASILEIRA

Colbert Crelier

Troca os faustos, o luxo de outra veste,
pela graça mais simples e atraente
desta camisa-verde que sòmente
de uma sóbria elegância se reveste.

Sem que nenhuma pena te moleste,
despe adornos gentís, serenamente,
e num gesto de fé, sincera, ardente,
esta camisa e esta gravata veste.

Se outro vestido mais encanto empresta
e tua feminil vaidade exalça,
à tua formosura, que realça,

esta camisa, aqui, verde e modesta,
é o verso inicial de uma epopéia,
— não veste o corpo só, veste uma idéia.

Penápolis, 1935.

A VOZ DO SÉCULO: ANAUÊ !

Dantas Motta

Brasil, êste século é teu !
Ouve os teus homens marchar
na conquista do mundo,
procurando dominar o Universo —
É teu êste século, Brasil !
Homens do Sul e do Norte,
do Leste e do Oeste,
se levantam,
e rugem,
e roncam,
e trovejam
em todos os quadrantes da Terra,
vertendo lágrimas de sangue
e explodindo em gritos de guerra —
É teu êste século Brasil !
Ouve teus homens marchar
na conquista do mundo,
procurando dominar o Universo —
São as tuas multidões desvairadas,
êstes CAMISAS VERDES audazes,
que se erguem do fundo dos séculos,

rebentando montanhas,
estraçalhando algêmas,
brandindo o tacape,
e estrugindo o boré —
São os bárbaros da COLÔNIA,
que a escravidão arranca de tuas entranhas,
e, invadindo as tuas Nações civilizadas,
dominam, dentro de ti, a própria Europa —
Bárbaros, divinos e indomáveis,
cujo grito de guerra
vem de Piratininga,
do Norte escaldante,
do Sul em Febre,
e, como o minuano em fúria,
varre da terra todos os inimigos da Pátria —
E do Centro, como Soldado de Deus,
abençoado pela Bandeira Azul e Branca do Sigma,
abro o peito às balas inimigas
e ergo a Mantiqueira nos braços gigantes,
— ANAUÊ ! de pedra
em que o Itatiáia é o seu ponto de exclamação !

SOLDADO DO SIGMA

Da Silva Garcia

Vem para a luta. Firme e decidido,
mostra-te grande contra o comunista
— pois nunca deve se mostrar vencido
quem se faz verdadeiro Integralista!

— Ama o Brasil — O opróbrio não te assista,
nem te faça o caráter pervertido.
Acima de qualquer desejo egoista,
coloca o amor da Pátria, prometido.

Que tua voz — metralha de esplendores —
ao gorgulhar feróz dos opressôres,
seja um gládio de luz, vibrante e forte...

E se renegas o teu juramento,
— despe a Camisa-Verde e, no momento,
com nôjo de ti mesmo, — busca a morte!

RESSURREIÇÃO

Durval Passos de Mello

Aquelas nuvens violetas
Desdobradas, tristemente,
Nos horizontes que me circundam,
Marcaram o ocaso das minhas convicções...

Veio a noite depois
— A grande noite profunda
Dos silêncios longos e das longas meditações

E no silêncio longo, estendeu-se, longamente,
A minha meditação...

Alta madrugada,
Incendiava o céu da vida universal.
Um arrebol esplêndido de apoteose...

Ao calor vivificante,
Eu despertei, cheio de sangue novo,
Olhos cravados nas linhas longínquas dos infinitos...

E vi, que, sob o incêndio de ouro do grande céu,
Tôdas as florestas estremecidas, palpitantes, se
[deslocavam,

E vibravam e cantavam
Um canto verde e forte
Dos silêncios longos e das longas meditações...

E clarinadas possantes dilaceravam os espaços...
E passavam tambores em rufos de guerra...

E tudo avançava, numa gloriosa arrancada,
Para a conquista do Homem Integral.

E à singeleza da bandeira que arrebatava a floresta
[das legiões,
Meus olhos se umedeceram de emoção:
ERA UM PEQUENINO PEDAÇO DE NUVEM, NUM
[PEQUENINO PEDAÇO DO CÉU.

E senti, empós a longa meditação,
Que marcou o fim de um crepúsculo
E viu o princípio de um arrebol,
Que soára, enfim, a hora da RESSURREIÇÃO
[UNIVERSAL!

CRUZADA IDEAL

Eydmar Cardoso de Barros

Já soaram os clarins de uma nova alvorada!...
Do letárgico sono, erguei-vos, Brasileiros,
pois a Pátria requer dos filhos verdadeiros,
na Conquista Integral, a fôrça concentrada!

Soldados, industriais, campônios, marinheiros...
Dêmos as mãos no ideal, sigamos na jornada,
sob a nossa Bandeira augusta, desfraldada,
a cumprir um dever, risonhos e altaneiros!...

Não temamos a dôr e as iras assassinas...
Dos solertes gaviões de garras viperinas
nos cumpre defender a Nacional Bandeira!

Combatamos com fé e ardor dentro do peito:
o Sigma por escudo e, por gládio, o Direito,
na INTEGRALIZAÇÃO da Pátria Brasileira!

EM MARCHA:

Figueiredo Carneiro

Patriota, Soldado Integralista...
Nós que somos da Pátria a segurança,
não tememos façanha comunista,
nem perdemos de Deus a confiança.

Vamos, de certo, em busca de conquista;
Exausto, quando um cái, um outro avança!
Não nos importa a onda que é extremista,
nem o seu modo de jurar vingança!

Somos da Pátria a única esperança,
quando seu peito a lamentar se cança,
a crueldade em parte de seu povo.

Inda somos de Deus rebanho amigo,
a seguir, sem temer nenhum perigo,
pr'a tornar-te ó Brasil, potente e novo!

VOZES DA ESCOLA (de "Rumor de Passos")

Floriano Mendonça

Uma revoada de crianças
povôa a escola,
Ali estão as esperanças
do Brasil de amanhã, que o mapa desenrola,
dia a dia maior...
As crianças o sabem já de cór...
Já sabem que o Brasil foi descoberto
por Pedro Alvares Cabral.
Mas o que elas não sabem, com certeza,
é que o Brasil não passa (que tristeza!)
de terra colonial!

É que o livro não diz: nossos dinheiros
vão-nos custar, nos bancos estrangeiros,
juros e capital!

Vinte estados e mais, recita a geografia,
estados grandes, ricos, progressistas...
Mas, nesta Liberal-Democracia,
que vamos ver, chegando as eleições?!
Nos partidos o pleito se decide,
e a República tôda se divide
em vinte e mais nações!

Crescei, crescei, pequenos do A B C !
Haveis de ver que ainda não há escolas
bastantes para vós !
Aprendereis que muita gente adulta
inda na escuridade se sepulta
da ignorância atroz !

Crescei, crescei, crianças das escolas !
Vinde ver o Brasil, na realidade,
não guardado de cór !
Levantai-vos com a Pátria ! A fôrça unida
há de levar a tudo de vencida,
para um Brasil maior !

VOZES DA FÁBRICA

Floriano Mendonça

(De "Rumor de Passos")

Sobe da máquina de ferro
o rumor dominante do trabalho...
Multiplicando a fôrça humana,
os motores gigantes
gemem, zunem, azoinam, assobiam,
movendo rodas, eixos e polés...

A zoada estonteante dos teares,
semelha à fôrça indômita dos mares,
na faixa das marés...
O operário trabalha.
Mais do que êle, máquina potente
gira contínuamente...
Nenhuma fôrça o seu vigor detêm!
Os músculos de ferro não se cansam!
Mas os homens cansados não descansam,
até que pare a máquina também!

Giram as rodas dos teáres,
e os operários, aos milhares,
vão enrolando as peças de algodão...
Trabalham todos à porfia;
Teêm que levar aos filhos, cada dia,
um pedaço de pão!

A luta recrudésce,
A vontade da máquina é tirana !
Ao homem, feito estúpido, parece
que não termina mais a lida insana...

Toca a sirene, toca a descansar.
Abrem-se as ferreas grades do portão.
Ao comando da máquina estridente,
os homens saem, silenciosamente,
inda cheios de fêlpas de algodão...

Na hora do cansaço que estenúa,
um homem pára na primeira rua,
solétra, escrito em letras garrafais:
— "Abaixo o Capital !" "Abaixo a Fome !"
"Somos todos iguais !"

O operário indeciso,
sem o querer, estaca de improviso...
"Abaixo a Fome", "Fóra o Capital !"
Êle, que fome tem, sem ter dinheiro,
vê naquêle comando o verdadeiro
remédio para o mal...

Mas, se o operário pensa assim, não pensa
nem imagina a luta imensa
que tem a sustentar !
Em troca da igualdade prometida,
êle vai ter mais opressões na vida,
mais misérias no lar !

Não lhe deixaram ver, nessa utopía,
que êle terá, com a nova tirania,
vida de privações;
não lhe disse o cartaz tôda a verdade,
não lhe ensinou tôda a realidade
feita de explorações!

Se há desigualdade que revolte
na aplicação da fôrça capital,
não é com bombas, nem com dinamite,
que se encara o problema social!

O operário precisa de saber
que a massa irresponsável que se lança
para a luta de classes, na esperança
de melhor posição,
há de chegar, da dôr no paroxismo,
à miséria maior do Comunismo,
que é a mesma escravidão!

Todos êsses que gritam: — COMUNISMO!
o operário esqueceram contra o mal...
Apenas vão, de abismo para abismo,
arrastando-o na luta social!

O operário precisa de Instrução,
para saber que o Comunismo humilha!
Saber que DEUS, a PÁTRIA e a FAMÍLIA
fazem do homem tôda a aspiração!

RUMOR DE PASSOS...

Floriano Mendonça

(De "Rumor de Passos")

O Brasil despertou finalmente,
na alvorada cantante da fé!
A alma grande do povo, coerente,
levantou-se num grito: — De pé!

Frente unida ao redor da bandeira,
formam já legiões para a História!
Do clarim à chamada primeira,

As fileiras cerradas, marchando,
cantam hinos de ardôr varonil;
o rumor das passadas marchando
novo ritmo em que marcha o Brasil!

Para a Frente, Milícias, alerta!
Mocidade valente e leal!
Do Brasil a vitória é tão certa,
como é forte o Brasil Integral!

O ruído dos passos avança,
sob a sombra do lábaro azul!
Já invencível exército alcança
todo o vasto Brasil, norte a sul!

PALAVRAS AO BRASIL

Geminiano Guimarães

Brasil ! Brasil ! Ó meu Brasil amado !
o regime sem lei que te escraviza
e traz nosso ideal acorrentado,
não quer que o povo vista esta Camisa !

A grei da sem-razão tem por divisa,
na sanha de um poder amedrontado,
que o povo brasileiro não precisa
amar-te, ó meu Brasil idolatrado !

É nossa a culpa ! Amar-te é um fêio crime !
Tão grande falta o Verde não redime
embora seja a côr do pavilhão !

Que arranquem a Camisa e arranquem tudo !
Verão em nosso peito, então desnudo,
que
— O INTEGRALISMO ESTÁ NO CORAÇÃO !

ANAUÊ ! ANAUÊ ! ANAUÊ !

Geminiano Guimarães

Pelo bem do Brasil,
numa arrancada santa,
a mocidade heril
briosa se levanta,

é a marcha ascencional
de um povo, já se vê,
para a Glória Integral:
Anauê ! Anauê ! Anauê !

Mocidade viril, para a frente !
Esta grande jornada é de fé
O civismo de um povo valente
é potente
e o Brasil já se encontra de pé !

Deus, Pátria e Família
— é o lema da vitória,
nesta grande vigília
no coração da História.
Ao Chefe Nacional
em quem o povo crê,
a saudação triunfal :
Anauê ! Anauê ! Anauê !

OS TRÊS DIAS

Gerardo Mello Mourão

ONTEM

Quando Êle apareceu, nas voltas do caminho,
Começou a clamar, rebelado, sòzinho.

E a turba salpicou de escárneo e zombaria,
O seu clamor de Herói e a sua profecia.

Então Êle jurou erguendo ao céu o braço,
Que a Pátria marcharia ao rítmo de seu passo!

Jurou, co'os pés no Tempo e a voz na Eternidade,
Que faria surgir a Quarta Humanidade!

E que a Terra selvagem, sequiosa de glória,
Romperia cantando nos umbrais da História!

Jurou tirar a Pátria das tristezas da cova,
Para o triunfo da Vida e a Luz da Raça nova...

E os cadáveres riram... e Êle passou... sòzinho...
Revoltado, a clamar, nas voltas do caminho...

HOJE

E viram-no depois, como um Morubixaba,
Com seu grito de guerra alvoroçando a taba.

Trazia nos matizes verdes da couraça,
O sonho e a inspiração febril da nova Raça.

E atrás dêle formaram tribus revoltadas,
Trazendo à escuridão a luz das alvoradas.

E traziam da terra a bárbara pujança,
E traziam do céu a fôrça da Esperança.

Marchavam atrás dêle... em rítmo alvoroçado
De quem foge da Sombra e foge do Passado.

Marchavam atrás dêle em milhares de passos,
Erguendo os corações, erguendo a fronte e os braços.

E arrastavam a Pátria... e a Pátria foi rolando,
Atrás dêle, de verde, em triunfo, cantando!...

AMANHÃ

E vê-lo-ão depois... e vê-lo-ão um dia,
Êsses que o salpicaram de escárneo e de ironia...

Soltando aos seus selvagens seu grito de guerra,
Para a sua vingança, — a vingança da Terra!

A vingança da Terra, — a grande Revoltada,
Que cansou de sofrer, de viver sepultada!

Que quer, em primaveras verdes, inspiradas,
Cantar sua canção de eternas alvoradas!

Da Terra de Tupã, — deus bárbaro, guerreiro,
Que vai rolando atrás de seu aventureiro.

Que n'alma dos sertões, na voz do São Francisco,
Do Itatiáia azul ao rústico obelisco,

Braço erguido pr'o céu, um clamor de quem crê,
Exclama e brada e grita e canta: Anauê!

Rio, 18-7-36.

A RONDA DA PÁTRIA

Gerardo Mello Mourão

Sou o Indio Americano, — o Guaycuru selvagem,
O Goitacaz fogoso.
Sou Y-Juca-Pyrama, — o Aimoré que não morre
Sempre valente e sempre belicoso!

Convoquei cinco mil dos meus Tamoios,
Defendi minha Terra.
Ou Tupi, ou Tapuia, — eu sou Ararigboia
Sei vibrar o boré nas explosões da guerra!

Outrora me chamaram Anchiêta
E eu preguei a palavra do Senhor.
Fui santo, fui apóstolo,
E derramei a Crença, a Esperança, o Amor!

Eu andei nas bandeiras do sertão
E palmo a palmo conquistei a Terra!
E lutei... e venci... levei a minha Crença
Desde o altar de campina aos coliseus da serra!

Derramei o meu sangue em Guararapes
E chamei-me Poti.
Tinha o sol tropical a incentivar-me à luta,
Tinha o calor da Terra a aquecer-me, — e venci.

Fui herói nas Tabócas... lutei muito...
Eu sou Henrique Dias!...
Vai procurar por mim nos campos do Avaí
Que o meu nome é Caxias!

Chamo-me Osório em Lomas Valentinas,
E o meu nome é Sampaio em Tuiutí!
— Ah! se visses a Pátria levantada e viva
E heróica como eu vi!

Se estivesses comigo em Curuzú...
Se me visses em Peribebuí...
Em Estero Belaco, Estero Rojas,
San Solano, Augustura ou Caraguataí...

Se tivesses ouvido a música divina,
Que eu cantei pela bôca do canhão
Nas águas revoltosas de Riachuelo,
Em Paissandú, então!...

Ah!... lá eu fui Tamandaré,
O espírito das águas revoltado!
Fui Barroso e deixei um pouco do meu sangue
Entre as veias da Terra misturado!...

Guerra do Paraguai... eu a ganhei!...
Eu comandei a tôdas as batalhas...
E tenho o corpo cheio de feridas...
E tenho o peito cheio de medalhas...

Fui músico depois... chamei-me Carlos Gomes
Cantei o Guarani, — a voz da Raça;
Repara: — ainda o som dêste poema
Clangora e ruge quando o vento passa...

Meu nome é Castro Alves... fui Poeta...
Há nos meus versos o fragor das lutas...
O baque colossal de Paulo Afonso
E o cheiro americano das florestas brutas.

Dedilhei no violão do sertanejo rude
O fôgo das manhãs e as noites de luar...
Fui Juvenal Galeno e o Brasil suspirou
Na minha inspiração de bardo popular!

Chamei-me Floriano e governei meu povo.
Fui Plácido de Castro e fiz-me general,
E conquistei o Acre,
"Transformando em província, o brio nacional!"

Sou o sábio que pensa... o filósofo eterno,
Vôo da Terra em busca do Infinito.
Sonho revoluções... sou Jackson de Figueiredo
E sou Farias Brito!

Ah ! eu sempre existi ! Fui Rosica em Baurú
E, como Cristo dei meu sangue à minha Raça !
Fui Jayme Guimarães, e fui Spinelli
Nos combates da praça !

Chamei-me Schroeder e tombei no pampa.
Fui Alberto Secchim.
Quis a auréola do mártir e de herói
Em Cachoeiro do Itapemirim...

Hoje visto a Camisa-Verde e sou Plínio Salgado !
Sempre existi e sempre existirei.
Sou o gênio da Pátria, — a eterna Mocidade,
— E nunca morrerei !

CANTO AQUÊLE QUE VEIO

Gerardo Mello Mourão

Se nós estivessemos no tempo de Castro Alves,
eu Te faria por certo uma óde retumbante
e cheia de rimas sonoras
e períodos estardalhantes.

Hoje, porém,
eu Te quero cantar o Grande Canto,
a Real Ode da Proclamação,
que será a um tempo
o Te Deum solene das vitórias
e o Veni Creator
da Ordenação Sacerdotal da Raça!

Caminhei contigo!

Caminharei contigo
por todos os caminhos,
porque sei de onde Tu vens.

Trazes o estigma natural
das estradas que percorreste.

Tuas faces são pálidas
como a miséria
daquêle esquecido e maleitoso irmão.

Tens os cabelos desmanchados
como o roçado do sertanejo
depois de um ano de sêca.

Teus olhos se esticam e se alongam
no horizonte
como a vela branca dos jangadeiros.
Ambos são sinais da Esperança.

Tuas mãos ao contrário,
erguidas com as de Moisés na perpétua prece,
são sinais da Certeza.

Vens da montanha
sem neve e cheia de sol.
Tu nunca terás neves
porque serás como as montanhas de nosso país.
Cheio de sol.

Os fogos do Equador
Te sapecaram e tisnaram. O corpo ficou moreno.
Mas a alma incandesceu para sempre.

Vens dos montes e dos rios,
das florestas e dos rochedos.

Quando procuraste
a chave simbólica
do Teu destino maravilhoso,
o Grande Rio,
Te contou a destinação que era dêle
e que era Tua.

Vens do silvo da Fábrica e da fumaça da Cidade.
E é por isso que tens
rumores de apitos nos ouvidos,
e cheiros de motores nas narinas.

Vens da grande entrada do Oeste
e trazes os impetos que estavam guardados
nas furnas e nas matas.

Vens da pobre e triste mezinha
dos meus longos poemas noturnos!

Vens da náu européia,
da alma dos Conquistadores.
Andaste pelas ruas;
vens do turbilhão de Edmundo Milhomens
e do grande heroismo trágico de Rodrigo Jorge.

Sabes estrangular papagaios
e jogá-los na cachoeira!

Vens da oração devota de Nhá Rita
na capela de Nossa Senhora —,
quando o Francisco foi para a Revolução.

De um Padre Nosso que o garotinho moreno
rezava tôda noite, de mãos postas,
pelo Brasil.
Vens de onde tinhas que vir.
Que direi daquêles que Te encontraram
e não tiraram o chapéu?

Caminharei contigo
por todos os caminhos,
porque sei de onde Tu vens.

Começa a escurecer.

Não é a luz
que está faltando nos teus olhos.
Mentira! Tem de ser apenas
a fatalidade das noites,
únicas fabricantes de auroras.

Não podes ir.
Ainda tens muitos caminhos.

Quero ver-Te ainda
Com os pés lambuzados pela neve dos Andes,
para o grande colóquio com Bolivar.

Quero ver ainda
Tuas roupas confundidas nas águas do Mare
[Nostrum
e salpicadas pela espuma
de tôdas as ondas continentais.

Novos ventos refarão os Teus cabelos.

Quero ver-Te mais.
E mesmo se rolares
dos Itatiáias azues,
rolarás com o grande sequito,
rolarás ao som dos hinos
e ao relincho dos corseis.

Rolarás mais, Chefe,
com o clangor do meu Canto
que então terá a lugubre profundeza
de um Miserere da Pátria.

Mas quero ver-Te mais ainda
e caminhar contigo!

APOTEOSE

Haydée Machado Marques Pôrto

As nuvens negras vinham pelo céu
onde gritavam, raivosos, os trovões.
De quando em vez uma faísca rubra
enchia de pavor as multidões.
E a tempestade ameaçava vir
forte, tremenda, violenta e má.
Zunia o vento derrubando tudo
e espalhando poeira pelo ar...

Mas eis que surge luminoso e forte,
rasgando as nuvens negras, sem temor,
como um grito de paz à natureza,
o sol, com sua onda de calor.
E de repente tudo se transforma
num milagre de luz e de esplendor...
Clareia o céu, as nuvens se dissipam
e brilha só o audaz triunfador.

.....

Assim também nêste Brasil imenso
de cincoenta milhões de corações,
se agita a tempestade sanguinária
bem mais temível que a dos trovões.
É a tempestade vil de um credo vil
que nega a Deus, a Pátria e às tradições
e nos deixa no opróbrio e na desgraça
ameaçando as futuras gerações...

Mas como um sol bendito e desejado,
num grito de revolta ao opressor,
ergueu-se a voz de um grande brasileiro
falando aos corações com destemor...
E para a glória de um Brasil maior,
forte, integral, unido e respeitado,
nós lutaremos apoiando o grito
dêste homem de fé: Plínio Salgado!

"A NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS"

Jayme Castro

Zero hora no cronômetro integral
de tôda a imensa vastidão da Pátria.

Nas cidades, nos mares, nos sertões,
um trágico bater de caixas surdas...

É A NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS

Três minutos, o rufo, no silêncio,
traduz um grande espêlho e um grande chôro
e simboliza os nossos corações,

A alma da Pátria, inteira, está em nós,
segredando que estamos vitoriosos.

Somos nêste momento a própria Pátria,
e distinguimos, no rumor da voz
que vem do íntimo da alma dos tambores,
um soluço de angústia nacional.

Há nessas misteriosas ressonâncias
o distante tropél dos Bandeirantes
desbravando as florestas brasileiras;
o balbuciar das tríbus aturdidas,
estupefáctas, diante do estrangeiro;
das féras o rugido, a voz da inúbia,
— A voz do Brasil virgem dos Tupís.

Enche os nossos ouvidos atônitos
todo um mundo de sons intraduzíveis.
— São as vozes que foram abafadas
pelo pulso de ferro da injustiça.
— As vozes dos patriotas esquecidos,
dos grandes brasileiros ignorados.
Vêm-nos de envolta, como horrível côro,
os surdos ais dos negros, sufocados,
estrangulados ao vibrar do látego...

Uma paisagem trágica avassala
o nosso pensamento nêste instante:
Os campos do Nordeste, ressequidos,
fazem lembrar uma floresta da África...

Através dêsses campos, nas savanas,
milhões de brasileiros sofrem fome.
Vemos na dôr dos homens que ali vivem.

O rufo continúa. Pelo ambiente
há um bárbaro túmulto. Os grandes filhos
do Brasil do passado, estão conosco.

Vago bater de marcha acelerada,
semelhante ao rolar de uma cascata,
au rugir de um tufão pela floresta,
aproxima-se. É sempre mais distinto.

Cresce, aumenta, reboa, estruge, empolga,
vem de todos os laços, e, recorda
o espetáculo do encontro do oceâno
com a enorme caudal dos grandes rios.

Escuta-se uma súbita parada...
São as legiões de farda côr-de-seiva
que vem se recolher da grande marcha.

Agora, é a voz do Chefe que escutamos...

Ante as legiões sem fim, êle anuncia
a vitória completa, e, diz que ali
é que começa a verdadeira luta.

Sacode intenso frêmito as legiões:
fá-las vibrar num ímpeto de júbilo...

E as mãos que se estorciam nas augústias
de um século de doida espectativa,
se ergueram para o céu num arremesso
de alegria, de glória e redenção.

E entre os muitos milhões de braços verdes,
elevaram-se os braços dos descrentes,
dos tíbios, dos perversos, dos inúteis;
e a interjeição de espanto que tiveram
foi o grito de nossa saudação!

INTEGRALISTA

Jacinto de Figueiredo

É o Brasil integral, nacionalista e forte
Sem divisão ao Sul, sem divisões ao Norte;

E das praias do mar às fronteiras do Oeste
Com seus vales em flôr e tristezas de agreste.

É o Brasil da cidade, onde a vida palpita,
Ao mais ínvio sertão de paisagem esquisita.

É o Brasil honradez, de virtudes sem par,
Desde o humilde casebre ao mais rico solar.

É o Brasil do labor, que o progresso propina,
Da charrua do campo, ao calor da oficina.

É o Brasil militar pelos campos de guerra,
Redimindo ao morrer o pedaço da terra.

Que por mares e céus, desfraldando a Bandeira
Vai dizer da bravura à nação estrangeira.

É o Brasil da mulher — sentinela do lar,
Na sagrada missão de ser mãe e educar.

É o Brasil da criança — inocência e meiguice
E do amparo e respeito à cansada velhice.

É o Brasil de joelho ante a Imagem de Deus
Na grandeza da Fé e tradição dos seus.

É o Brasil bom cristão, no conjunto de idéias
Combatendo de frente as doutrinas atéias.

É o Brasil mameluco, é o Brasil brasileiro,
Distinguindo do filho, o imigrado estrangeiro.

É o Brasil financeiro e de élos partidos
Às algemas de Europa e Estados-Unidos.

É o Brasil mocidade, é o Brasil de amanhã,
De saúde mais forte e de alma mais sã.

Somos nós a marchar por estradas sem fim,
Acordando o Gigante a toques de clarim.

É um Brasil diferente e ansioso que crê!
Eis a nossa divisa! Ao Brasil, ANAUÊ!

SÉCULO DE SOMBRA... SÉCULO DE LUZ...

J. G. de Araújo Jorge

Mehr licht! Mehr licht! grethe

Goethe

Na noite negra silenciosa e morta
na cúpula sombria da amplidão
embuçado nas nuvens se escondeu
por muito tempo a imagem do Cruzeiro
desenhando nos céus a sua cruz...
Na noite negra silenciosa e morta
imersa na mais densa escuridão,
— um primeiro clarão apareceu!
Outros cortaram o infinito, — e então
as sombras se rasgaram... e os seus véus
fugiram para além... para distante...
E a madrugada a se espalhar nos céus
encheu de luz a treva do infinito
numa aurora triunfante!
Na noite negra que cobriu a História
no seculo que o tempo sepultou,
— só a treva vestia o firmamento,

nem um astro siquer... nem uma luz!
E sem Deus... e sem alma... e sem ter cruz
foi lentamente declinando exangue
naquêle poente rubro e côr de sangue
que em quatro anos a História perturbou,
— o século que ao nosso precedeu!
Foi dêste declinar... dêste sol pôsto
na noite material que se perdeu
— que um século maior... mais bem disposto
ergueu a fronte... e sacudiu as trevas...
e expulsando dos céus a escuridão
fêz despertar das páginas da História
a aurora espiritual, que trouxe a luz
à cúpula sombria da amplidão!
Nós somos para a noite que vencemos
para os descrentes... para os fariseus...
os raios desta aurora em que nós cremos
— dando vida a essa pátria onde nascemos
e ensinando o vencido a crêr
em Deus!

(Especialmente para "ANAUÊ").

"A GRANDE HORA"

J. Hercílio Fleury

No relógio imenso do Tempo
horas velhas de uma civilização envelhecida
gemem soturnas,
vasias,
inúteis na loucura de uma negação suicida.

Gotejar sinistro de segundos ensanguentados.
Arrastar dúbio de minutos medrosos.
Gritos abafados de pêndulo em desvario...
Macabro tropel de mortos
nos atalhos escuros das covardias!

E os milhões de braços vivos
erguidos em lança
para o Céu Eterno
num gesto heróico de Rebeldia e Fé!

No disco estrelado do Infinito
a projeção serena
das sombras de todos êsses braços fortes
é o misterioso ponteiro

imponderável, gigantesco,
que marca inexorável
num ritmo de fatalidade
a Hora Culminante,
Trágica e luminosa,
a Grande Hora
da Quarta Humanidade.

A BANDEIRA INTEGRALISTA

José Maria de Andrade Rodrigues

Desfraldemos do Sigma a Bandeira,
Que nos mostra o caminho a trilhar
Para erguer a Nação Brasileira
A maior, a mais bela e sem par!
O infinito dos céus — no azul;
E, no branco, do ideal, a pureza!
Ao fulgor do Cruzeiro do Sul,
Quem duvida da tua grandeza?...

Altaneira na paz e nas lutas,
Por quem damos a vida com fé!
Já de crepes se encheu nas disputas
De Baurú e do Largo da Sé!
Para um dia te ver hasteada,
Envolvendo em teu manto o Brasil,
Nosso peito é barreira sagrada!
Nossa vida a oferta viril!

Brasileiros de fé abalada,
Extremistas de crença tão vã:
Vinde ver esta nossa arrancada!

Vinde ver o Brasil de amanhã !
E depois de nos ver de mãos dadas,
Em redor do adorado pendão,
Sentireis o raiar de alvoradas
Rebrilhando no bom coração !

Se, por Deus, ao fazer juramento,
Afirmamos cumprir o dever,
Que esperamos ? — Chegou o momento
De lutar... e vencer ou morrer !
E que importa o haver inimigos
A tentar arrancar-nos da História ?
Para nós são prazer os perigos,
Outros tantos troféus na Vitória !

OS NOVOS CURUPIRAS

J. T. de Castro Alves

Quando a Jacy, serena e inspiradora,
Passeava no azul do Pindorama
E o veloz Anhagá de alçada rama
Se esquivava da seta caçadora,

A tribu má, cruel, destruidora,
Ébria ao cauim da cuia que derrama,
Ria à floresta verde — rubra chama —
Satisfeita e brutal, dominadora.

E a mãe do curupira... o silvo agudo...
As verdes legiões... E, findo tudo,
Nem um tapuia mais... A redenção!

Oh! Pindorama! Oh! Pátria estremecida!
Os novos curupiras já têm vida
E os anauês clangoram — salvação!...

QUARTA HUMANIDADE

J. T. de Castro Alves

E então, vibrou nos ares, clarinando,
A voz da terra bárbara, fremente!
E a Pátria despertou nervosamente,
Vibrando, e num clamor se levantando!

E pela selva agreste, reboando,
O clamor se estendeu, num halo quente...
Marchou pela floresta estranha gente,
Que a "Voz que chama" a vinha concitando...

Subiram aos céus os cânticos selvagens,
Dos longínquos rincões e das paragens
Onde nascera a fôrça da vontade!

E a Pátria ressurgiu, potente e forte,
— Do espírito imortal, raça consorte —
Na geração da Quarta Humanidade!...

Guanabara, Agosto, 1935.

A TERRA ERA UMA SÓ...

J. T. de Castro Alves

Desde as graníticas Ibiturunas
ao mar que banha as terras de Iracema,
e desde o Norte, da fronteira extrema,
às paragens dos pampas e lagunas,

a terra era uma só, sôbre as colunas
da milenária Atlântica suprema;
não a prendia a poderosa algema
dos algozes das pátrias infortunas

Os maus a dividiram nos partidos,
ficando os brasileiros divididos
em mil competições regionalistas.

Mas pela fé que a voz do Chefe exprime,
a terra há de se unir, bela e sublime,
quando o Brasil gritar: Integralistas!...

Setembro, 1935.

A VOZ QUE LEVA TUDO DE VENCIDA...

Judas Isgorogota

Não quero que você pense na morte
Nêste domingo de desilusão,
Nêste triste domingo tão sem sorte
E sem pão.

Não quero que você, que anda dormindo
Sob êsses velhos toldos meus amigos,
Pobres pálios de amor, rôtos e antigos.
De que me fala tanto o coração;
Você que está sentindo
O frio, a fome, a angústia, a solidão
Quando, alegre e feliz, passa a coorte
Dos que sonegam pão,
Não quero que você pense na morte
Nêste domingo de desilusão...

Eu quero é que você pense na vida,
Na mesma vida que você maldiz
E, em que você, sem pão e sem guarida,
Vai mendigando em vão, pobre e infeliz...

Eu quero é que você pense na vida,
Não nesta vida sem amor, sem pão,
Porém, na vida ideal, reflorescida,
Nessa vida integral e verdadeira
Que hoje me está falando ao coração
E cuja voz, como uma cachoeira,
Rola pelas quebradas do sertão!

Eu quero é que você pense na vida
E também ouça a voz que longe vem,
A voz que leva tudo de vencida!

Preste atenção, ouça essa voz também!
Ouviu?...
Esta é a voz da terra brasileira!
— "ANAUÊ! ANAUÊ!

Aqui tem uma choça, uma fogueira,
Um pão para você!"

INTEGRALISMO

Júlio Dias

Sentinela avançada do Brasil !
Sangue moço clamando liberdade,
músculos de aço, fôrça varonil,
impulsionando a sã Brasilidade !

Marcha gloriosa de conquistas mil !
Supremo ideal da nossa mocidade,
que há de trocar o fôgo do fuzil,
pela voz da Justiça e da Verdade.

ANAUÊ ! que se ouviu do Sul ao Norte,
despertando o Gigante bravo e forte,
hoje é a senha da fé e do civismo...

Guarda de honra da Pátria Brasileira,
que o Integralista, cheio de Heroísmo,
gravou com sangue à sombra da Bandeira.

O INTEGRALISMO

A. B. Lopes Ribeiro

Na evolução altíssima da Glória,
Ei-lo, a espalhar-se no Brasil inteiro,
e há-de ficar, nas páginas da História,
como o Poema do Povo Brasileiro!

E guardaremos todos na memória
êsse brado sublime e altaneiro,
do Amazonas ao Prata, num roteiro
— estrada clara, lúcida e marmórea!

Plínio Salgado — Alma de sertanista —
há-de alcançar, um dia, a alta conquista:
— o apôio integral desta Nação!

E, à sombra dêste céu de puro anil,
há-de pulsar com fôrça um coração
na gloriosa defesa do Brasil!

MARCHA INAUDITA

Lourival Santos Lima

Escuta-se um rumor estranho, misterioso,
e que, de vez, se vai multiplicando em coórte,
de passos escalando o caminho espinhoso,
além da depressão apática da morte.

Indistinto, primeiro, o caminhar ruidoso,
depois, se vai ficando uniforme e mais forte,
E em cadência, afinal, qual gigante estrondoso,
avante se define em busca à ignóta sorte.

Hesitante, e fitando o passado fadário,
não compreende e propala: "Oh! que loucura
[intenta
essa gente que acorre agitando o cenário?"

Mas, a turba não pára e siquer escutou.
E caminha... e caminha... em ambição violenta
de a Pátria conduzir ao sonho que jurou!

INTEGRALISTA!

Mário de Oliveira

"Camisa-verde", alerta! Ouve o clarim que toca,
Desde a cidade ao campo, e do mar à "maloca".

Em ondas, pelo espaço, erra no ar o sonido
De argentino clangor do toque de "sentido".

Acode, pressuroso, onde o dever te chama,
Que os "soldados do sigma" a Pátria já conclama...

Crês em Deus. Tens um lar. Há um recanto de
[terra,
No solo do Brasil, que teu umbigo encerra:

Veste, então, com orgulho, a tua túnica,
E, qual bronze o guerreiro, à velha fibra púnica.

Faz de teu peito — escudo, e da vida — holocausto
Da Pátria na defesa, em derradeiro hausto!

Já corvejam por sôbre a terra, que te é bêrço.
E é lar, e é crença, e é pão — todo o teu universo —

As aves de rapina; e os chacais comunistas
Querem nela cevar as sanhas extremistas...

Toma pôsto onde quer que o "Chefe" determine,
Para evitar que o Bem sossobre e o Mal domine.

Dá todo o teu valor, e bravura, e coragem,
Salvando o teu Brasil dessa negra voragem.

Tua mãe, tua irmã, noiva, filha ou espôsa
Já tremem de pavor do Monstro, que tudo ousa...

Cumpre, pois, teu dever, "soldado integralista",
Paladino do Bem, grande obreiro idealista!

Ês soldado de Deus, e é tua alta missão
Defender e construir uma grande nação!

Vai à luta e dá tudo! E se acaso tombares
Mal ferido, afinal, da peleja aos azares,

Sabe, ainda, ser forte, e, sereno e viril,
Ergue o braço: — "Anauê! Pelo bem do Brasil"!

Rio, Dezembro, 1935.

PAVILHÃO AZUL

M. Machado

Pelas plagas do Brasil
já se vê de Norte a Sul
desfraldado e senhoril
nosso pavilhão azul.

Pavilhão que concretiza
uma idéia verdadeira
que se expande e totaliza
nossa Pátria Brasileira.

Nossa causa tem a gloria
de vencer pelas idéias
e gravar em nossa História
a maior das epopéias.

Movimento singular!
Estreitando o Sul ao Norte,
vai unir e modelar
um Brasil altivo e forte!

Pelas plagas do Brasil
já se vê de Norte a Sul
desfraldado e senhoril
nosso pavilhão azul.

EXALTAÇÃO!

Mário Ypiranga Monteiro

INTEGRALISTAS! Mãos no espaço, eu juro!
A redenção de um povo fracassado
vem das sombras fechadas do passado
para a alvorada em sangue do futuro!

Creio no ideal que empólga e despedaça
os preconceitos e utopías! — Creio
na mocidade, como o grande esteio
que a hegemonia há de fazer da Raça!

O ideal é um sopro, é inspiração divina!
A alma, por mais humilde e pequenina,
há de sentir-se forte,
marchando, sem tibiêzas nem cansaço,
olhos bebendo a gloria dos espaços,
pelos sendáes da morte!

INTEGRALISTAS! Meus irmãos de crença:
por esta Pátria formidável, imensa,
heroína, varonil,
sejamos fortes quais heróis de antanho,
e lutemos-banindo o vil, o estranho,
que desgraça o Brasil!

A mão advena que esfumaça a glória
dêste rincão, e prostitue a história
atirando-o no abismo,
não se erguerá mais nunca. Alerta estamos.
e pela terra moça que adoramos,
cremos no Integralismo !

Heróis ou não, gigantes e pequenos,
homens de todos quadrantes, menos
estrangeiros e hostís,
por nosso ideal, que é formidável estima,
defendamos à fôrça o grande Sigma,
contra a ambição dos mercenários vís !

Por um Brasil maior, por um Brasil grandioso,
por uma Pátria ideal, maior que as outras Pátrias,
devemos combater com o ferro e o pensamento
levando a religião por onde chega o invento,
às cegas multidões que vivem sem doutrinas...

Deixemos como rastro iluminando a História,
a luz do nosso sangue, o clarão dêste sonho !
Amanhã os heróis da Pátria, ébrios de fôrça,
hão de saudar a luz com o espírito fecundo,
hão de exaltar o ideal que as gerações deixaram !

Trazemos na alma o heroísmo dos antigos...
Nas pugnas, descremos dos infernos...
Na fronte, que o arrebol guirlanda, temos
a grandeza dos martíres eternos !

O homem sereno, o homem grandioso, o homem
[eleito,
superior ao mesquinho e estulto preconceito,
muito maior, talvez, que os velhos Prometheus,
deve cingir-se a um credo só, a um só ideal,
grandioso, e eterno, e bom, e esplêndido, e imortal
e a uma só crença — DEUS!

INTEGRALISTAS! — Mão no espaço eu jūro!
A redenção de um clan sacrificado
há de brotar das ruínas do passado
para as sangrentas glórias do futuro!...

A LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO

Manoel Sobrinho

Deus, a Pátria e a Família — eis a trindade santa,
em defesa da qual se anima e se levanta,
verde como a esperança, a falange do Sigma,
— da sã brasilidade excelso paradigma.
O século do rádio e da aeronave cansa
de arrastar mundo a fóra, a desgraçada herança
do século passado — o vil materialismo,
que estrangula a Moral, que lança Deus no abismo
da descrença; que arrasa, ignominioso e rude,
o Amor, o Patriotismo e o culto da Virtude;
que arremessa Jesus à fossa do abandono
e que eríge, depois, para Lenine, um trono.
Se o Século da Luz é o século presente,
cumpre-lhe abandonar, incontinentemente,
êsse materialismo estúpido e execrando
que a má filosofia aos évos vai levando,
como leva o micróbio, em ascenções obscuras,
males de bisavós às gerações futuras.
Cumpre-lhe abandonar êsse grosseiro fardo,
que há muito já lhe vem tornando o passo tardo;
êle é feito de treva, e, ainda aceitá-lo agora,

é o mesmo que tentar introduzir na aurora
um retalho da noite. Um século que goza,
por bem justas razões e alcunha luminosa,
de século da luz, trilha o caminho do êrro,
deixando que se tente, à sua luz, o entêrro
do Espírito, — alvorada eterna de onde emana
tudo que é nobre e exalta a sociedade humana,
porque é nêle que vibra e é nêle que se encerra
a centelha de Deus que existe aqui na terra,
não morrerá, no entanto, o Espírito, liberto
das mazelas de que anda o século coberto,
Em breve êle será, porque o nevoeiro denso
por mais que tolde e abafe o céu profundo e imenso,
não consegue extinguir, com sua trama escura,
a estrêla milenar que a amplidão fulgura,
Depois, para arrancá-lo a essa miséria, oriunda,
do ateísmo que avança e o mundo inteiro inunda,
como inunda a torrente hibérnica dos rios
tôda a vegetação dos humidos baixíos,
esforça-se o Brasil para mostrá-lo aos povos
De tôdas as nações, nos alicerces novos
de um grande monumento — a Pátria Brasileira,
não esta que está aí — méro bazar de feira,
mas a Pátria Integral, a Pátria do futuro,
que se vai construir do alvo concreto puro
da renúncia e da paz, do esfôrço e da vigília,
em nome da Moral, de Deus e da Família.
É quando já estiver de todo terminada
a grande construção dessa Pátria sonhada,

por esta Mocidade atlética e vibrante,
que luta pelo Sigma, uma lição brilhante
de trabalho cristão, metódico e profundo,
o Brasil terá dado às demais nações do mundo,
— pois essa construção, êsse trabalho enorme,
será A LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO, que dorme
na masmôrra sem luz, infecta e sem confôrto,
da falida moral de um século já morto.
Exumemos da treva o Espírito e façamos
com êle, ó Mocidade, a Pátria que sonhamos.
E oh ! se o mundo imitar nosso elevado exemplo,
êste mundo infeliz que, atônito, contemplo,
nosso sigma terá, falange brasileira,
feito o supremo bem da Humanidade inteira !

EXORTAÇÃO

Manoel Sobrinho

— Às Brasileiras Integralistas —

Môças de blusa verde ! O vosso gesto altivo,
contrário ao preconceito arcáico e improdutivo,
deixando vosso lar, vosso confôrto, e vindo
bater-vos com denôdo em defesa do lindo
Estandarte do Sigma, ó Companheiras, prova
que a idéia de lutar por uma Pátria Nova
enche de ardôr e fé o peito feminino,
como o orvalho enche a flôr do arbusto mais
[franzino
de seiva e de perfume !O vosso peito ardente
já não pode pulsar alheio, indiferente
a essa dissolução tristíssima a que arrasta
o Brasil, a revel política nefasta,
que — em vez de engrandecê-lo, uní-lo, se alvoroça
e o esfacela ainda mais, para tristeza nossa.
Vinde, portanto, a nós; formai conosco e vamos,
para a trincheira azul do ideal por que lutamos...
Mas... não vos enganeis: sinceros legionários,
saberemos deixar Tambôres por Calvários,
sempre que redundar da Pátria em benefício
nosso despreendimento e nosso sacrifício !

Contra o Liberalismo, o sistema político
falido, que ainda vai, amôrfo e paralítico
se arrastando, entre nós, como um fantasma
[errante
que de manhã fugisse ao látego brilhante,
é preciso agitar as mórbidas consciências,
que vacilam por traz de mudas reticências,
e dizer-lhe depois o mal que tem causado
êsse velho dragão perfido e condenado
pelos novos ideais que vêm surgindo agora,
puros como o sendal finíssimo da aurora,
Para acender, no entanto, a cívica fogueira
na alma dos que ainda estão supondo que a
[bandeira
da vêsga Liberal-Democracia pode
envolver e humilhar uma Nação que explode
contra um regime falho, escônso, de trapaça.
que atenta contra a luz do século que passa,
necessário se torna à máscula bravura
dos homens se juntar a angélica ternura
— Nota sentimental que sôa e que estribilha
nos vossos corações de Mãe, Espôsa e Filha!

O século caminha em marcha acelerada,
Caminhemos com êle! Avante! Essa jornada
exaustiva será; bem áspero, o caminho
que havemos de trilhar, sangrando os pés no
[espinho

da maldade feroz, bruta e canibalêsca,
dos que, numa ousadia incrível, quixotêsca,
ameaçam conduzir, pelo terror e a astúcia,
nossa Pátria, à vermelha escravidão da Rússia!

Havemos de tornar, dizei ao nosso povo,
êste cháos num país moralizado e novo,
onde a Ordem Social, a Ordem e o Progresso
não sejam simplesmente êsse letreiro impresso
no auri-verde estandarte, — a flâmula simbólica!

Fazei da vossa fé, mil vêzes apostólica,
um gládio de combate ao vão Materialismo;
e ouví-me êste Brasil, sem diretriz, sem norte,
não se erguer um Brasil disciplinado e forte,
que se funde no amor e no trabalho honrado
e tenha para Deus o coração voltado!

"O ALUNO À PROFESSÔRA"

Manoel Sobrinho

Ensinai-me a ser clemente,
destemeroso e gentil,
e a render, sinceramente,
culto de amôr ao Brasil!

Falai-me das cantorias
do índio, ao som do boré,
e dos feitos de Caxias,
de Osório e Tamandaré!

Ensinai-me a ter lisura
em todos os atos meus,
e a defender, com bravura,
a Pátria, a Família e Deus!

Dizei-me como se chama
essa idéia nacional,
que a excelsitude proclama
de um grande Estado Integral!

Ensinai-me a erguer o braço
para o céu, que tudo vê,
e a soltar a voz no espaço,
dizendo à Pátria: — ANAUÊ!

O ESTALEIRO DA RENÚNCIA...

Mayrink

(A Frederico Villar)

Prêsa da agitação intensa do trabalho,
arde, em febre, o estaleiro!

Forte, de autoridade, ouve-se a voz do malho,
comandando, incisiva,
o humano formigueiro!

Há um contínuo vai-vem de blusas verde-oliva!

Na carreira, inclinada, alinham-se as cavernas
enormes para a náu que êstes homens preparam.

São de tais proporções, são de tal natureza
aquêles materiais que se estão empregando,
que a embarcação será como as coisas eternas!

E há de ser — com certeza — um gigante do mar...

Cheios de estranho ardor, não descansam, não
[param,
não buscam repousar
um segundo, siquer, os ativos obreiros.

Avulta — dia a dia — o casco, sôbre as rampas.

Ao toque de reunir, os homens, os meninos,
as mulheres — enfim, a geração presente
levantou-se e marchou. Do Amazonas aos pampas,
das grandes capitais, dos centros pequeninos
— todo mundo acorreu, convergindo a um só ponto.

E quando Deus falou, concitando o seu povo
à renúncia de agora, em prol do Brasil-Novo,
pulsaram corações, nos peitos idealistas!...

E quando Deus falou, chamando: —
["Integralistas",
elevaram-se as mãos e ouviu-se um grito: —
["Pronto".

E a Pátria despertou, nesta peleja intensa,
nesta, de construção, atividade imensa!

E o solo brasileiro
passou a ser, de fato, um enorme estaleiro.

O oceano da Esperança,
o mar, que anseia e sonha a grandeza futura,
muitas vêzes recua,
muitas vêzes avança
— rolando, sôbre a areia, as ondas, de ternura...

Um dia — qualquer dia — ao sol de um dia lindo,
o gigante dos mares
percorrerá, de manso, a carreira inclinada,
rumo ao seio das águas!
No tombadilho, em forma, alinhadas, sorrindo,
as novas gerações, a cantar... a cantar...
No seu mastro de ré,
a bandeira da Pátria, aos ventos desfraldada,
junto ao pano alvi-anil.
E, na areia, de pé,
compacta, a multidão, esquecida das máguas,
das lutas, dos pesares
— assistindo, extasiada,
à glorificação da campanha encetada
— pelo bem do Brasil!
E, quando a embarcação içar ferros, singrando
as águas do Porvir,
a multidão, na praia, há de gritar chorando,
e a maruja, no barco, há de chorar, gritando
— cheios de comoção...
E, quando a embarcação içar ferros, singrando
as águas do Porvir,
graças à geração
que renúncia e crê
na glória do Brasil, que se está preparando,
todo o Mundo há de ouvir
um grito de emoção, pelos ares vibrando:
ANAUÊ!... ANAUÊ!... ANAUÊ!...

A SAUDAÇÃO DOS CRENTES

Mayrink

Esta mão, que se lança ao alto e à Luz se espalma,
jogando o braço à frente, em decidido arranco,
traz a benção de Deus — num gesto largo e
[franco —
à alma de um povo bom — porque o Brasil tem
[alma...

De tropêço em tropêço, irá, de tranco em tranco
— porque o Forte não sonha o letargo da calma,
concitar êste Povo à conquista da palma
de ser grande — o Maior — num sonho azul e
[branco...

E irá dar-lhe um Destino, ensinando-lhe a História
de uma grande Nação, cuja vida eu concentro
numa palavra só — que exprime tudo: "Glória"!

— É a mão que anima e guia e encoraja e abençoa...
Mão que atira o Brasil, pelo Futuro a dentro
— de azas, galgando os céus, no século que vôa...

MINHA CAMISA VERDE...

Mayrink

Esta camisa verde há de passar à história:
É uma razão de luta — a justificativa
da chama que se acende e mantém — rediviva —
dentro do coração e ao fundo da memória...

Chama que envolve a Pátria, esta camisa oliva
e não traça à Nação a negra trajetória
de outros povos — sem Deus, sem Tradição, sem
[Glória...
Chama que há de viver, enquanto o Brasil viva!

Porque hoje, felizmente, o mesmo pano cobre
o peito do plebeu como o peito do nobre
— vestindo o branco e o preto — o grande e o
[pequenino...

E o Brasil — que se pôs de pé — volve ao passado
o olhar, traja a camisa verde e, iluminado
— vai cumprir — finalmente — o seu grande
[destino!...

MINHA BANDEIRA AZUL E BRANCA

Mayrink

O céu junto de nós... Quase rolando a serra,
na asa branca do Sonho... E Deus, supremo artista,
apontando ao Brasil — num gesto integralista —
as glórias imortais que o seu passado encerra!...
E um traço negro: o luto — a mágua, que contrista,
quando se encontra alguém, na inconsciência que
[aberra
de nossas tradições, querendo impôr, à Terra,
que sempre foi cristã, feição materialista!...

A pena de saber os irmãos divididos,
pagando, em sangue bom, tristíssimo tributo
— à torpe exploração de grupos e partidos!...

É o Sigma — aberto ao beijo e à carícia das brisas,
forte, unindo o Brasil e trocando o seu luto
— pela verde esperança oliva das camisas...

A RUFLA EMOCIONAL

Mayrink

Sacrário de ternura e de carinho
— coração feminil de minha Terra,
que óra vens alegrar o arduo caminho,
que aos nossos olhos, — longo — se descerra!

Coração de Mulher! Quanta alegria
nos traz essa festiva saudação!
Que bruto, que selvagem deixaria
de comover-se, à voz do coração?

Pulsas... E êsse pulsar — marcha batida,
que nos acerta o passo, no presente,
nunca mais deixará — por tôda a Vida —
de levar-nos os passos — para a frente!

Porque vive de ti — Mãe carinhosa,
irmã querida — espôsa e filha amadas —
esta jornada, que será gloriosa
— é a mais digna de tôdas as jornadas!

Cada um de nós que abraça esta doutrina
— Por Deus, Pátria e Família, é um lutador
— Ah! Como a vida humana é pequenina...
... Cedê-la é pouco, para tanto amor!...

Coração de Mulher! Ó sacrossanto
relicário de afetos feminís:
Há um soldado de Deus, em cada canto,
preparando a grandeza do País!

Bate, tranquilamente, fortemente,
esta marcha batida emocional:
Deus dirige os destinos desta gente,
pela bôca do Chefe Nacional!

Canta, enchendo de sons a Terra inteira.
Canta a beleza dêstes céus de anil:
— A Ação Integralista Brasileira
vela — pelo Brasil!...

AVE BANDEIRA

Mayrink

Ave Bandeira ! pálio bendito,
que te desdobras, pelo infinito
dos horizontes, desta sagrada
pátria dos eleitos, assinalada
por um Cruzeiro — feito de Luz !
Ave Bandeira ! cheia de glória
— sintese augusta de nossa História !
Ave Bandeira ! que simbolisas
aberta, aos beijos de nossas brisas
— a imensa terra de Santa Cruz ! . . .

Ave Bandeira ! céu, cujos astros
lembram, nos cimos de nossos mastros,
mundos distantes, para onde ascendem
as almas puras, que se desprendem
dos que morreram nêste torrão !
Ave Bandeira ! quando te vejo,
sinto, dos lábios, fugir-me um beijo,
que te procura, que se projeta,
cortando o espaço — qual uma seta
do arco selvagem do coração ! . . .

Ave Bandeira ! cujos matizes,
para os que nascem menos felizes,
nas outras pátrias e a nossa aceita,
são — o Amarelo, farta colheita,
Verde, a esperança de ser feliz,
Branco, a amizade dos brasileiros,
e Azul, os claros e hospitaleiros
céus desta Terra, cheios de luzes !
Ave Bandeira ! que nos conduzes !
Ave Bandeira ! do meu País ! . . .

Ave Bandeira ! Por tuas côres,
vibram alegres, como tambores
rufando, os peitos de nossa gente !
Ave Bandeira ! que altivamente
pompéias, entre bandeiras mil
Ave Bandeira, padrão famoso,
troféu de bravos, pano grandioso
de nossos feitos, honra da Raça !
Salve Bandeira ! cheia de graça
— Nossa Senhora de meu Brasil !

A VOZ DO SENTIMENTO NACIONAL...

Mayrink

Brasileiros que andais, iludidos por certo,
levando a inquietação aos meios operários,
prometendo-lhes pão, aumento de salários,
— a Vida a lhes pintar, dentro de um céu aberto

Voltai! Se não servís a extranhos argentários
e sonhais um Brasil, de misérias liberto,
não podeis ignorar o que traz, encoberto,
o credo que pregais — mentindo aos proletários!...

Ignominia e traição! O Homem, que não admite
nem Família nem Deus, elege a dinamite
com argumento e arraza o próprio coração!

Por isso é que o Brasil repele a garra adunca
do satan de Moscou: Não viveria, nunca,
sem Família e sem Deus — para comer um pão...

E há um gigante deitado, em berço esplêndido...
Um gigante que dorme,
quando a Vida, lá fóra tumultua...

Veste a camisa verde, ó seringueiro,
engrossando a caudal, que assim se veste,
o Amazonas humano, que óra avança,
despertando o colosso brasileiro
unindo o Norte ao Sul
— pela camisa verde da esperança
— pela pureza da bandeira azul!

Engrossando a caudal, que assim se veste,
ó filho da Amazônia indevassada,
bandeirante tapuio do nordeste
— terás cumprido o teu dever primeiro!

E o Brasil cantará, numa alvorada
de luzes tropicais
quando te vir trilhando os mesmos trilhos
que esta camisa verde, revoltada,
aponta para a glória de seus filhos,
a todo o brasileiro!

O Brasil cantará, numa alvorada
de luzes tropicais,
o esplendor de teu gesto — ó seringueiro
— na integralisação dos seringais...

A CIRANDA DAS VELAS

Mayrink

(À Jeová Motta)

Veste a camisa verde, ó jangadeiro
das plagas nordestinas!

Pois não é verde o dorso de esmeralda
das ondas gigantescas, que o madeiro
cavalga e vai fazendo pequeninas?
E quando o sol escalda
mais fogo do que luz,
calcinando cajueiros,
queimando guajirús,
ressecando coqueiros
— que sacodem ao céu, a própria fronte altiva;

e quando o sol, queimando luz, escalda
desde que surge, até que se desmaia,
não te parece, ó mar, uma camisa oliva
— blusa verde das águas — viva, viva —
buscando proteger o peito alvo da praia?

Escuta a minha voz, ó jangadeiro
das plagas nordestinas!

Enquanto estás lá fora, entregue às pescarias,
manobrando a jangada, à lua cheia,
fazem roda meninos e meninas
— brincando sôbre a areia...

Uma Iracema, de compridas tranças,
prepara a rêde para a tua vinda...
Olha o grupelho alegre das crianças,
— a ciranda das suas alegrias...
Solta o barco do olhar, por sôbre as águas,
e vendo, longe, que não vens, ainda
— canta chorando, uma canção de máguas...

Veste a camisa verde ó jangadeiro
das plagas nordestinas...

Enquanto estás lá fora, entregue às pescarias,
manobrando a jangada,
que há de voltar, mais dias menos dias,
alegrando Iracema e dando à petizada,
um bandão de alegrias;

Enquanto estás lá fora sôbre os mares,
nem calculas, siquer que haja, em terra,
[estrangeiros,
sem Família, sem Deus, sem Pátria — almas de
[lama —
sonhando a escravidão dos brasileiros!

E, como complemento dessa trama,
o desmoronamento de seus lares!
Iracema, a pular de rêde em rêde!
Filhos sem Mãe nem Pai, sucumbindo de sêde
Irmãos — junto de irmãs desconhecidas,
trabalhando uma raça amaldiçoada,
que nem a vida de um milhão de vidas
redimiria aos olhos de Jesus!...

Veste a camisa verde, ó jangadeiro
das plagas nordestinas!

Enquanto houver uma camisa oliva,
ninguém fará, da pátria de teus filhos
uma cratera, vomitando puz!

Esta é a terra que Deus encheu de brilhos.

É a terra em cujos céus, onde se criva
o olhar das Iracemas, angustiadas
pela saudade, verde, das jangadas
— arde, esplendente, um Cruzeiro de Luz.

Enquanto houver uma camisa oliva,
irás tranquilamente, às tuas pescarias,
manobrando a jangada, à lua cheia...

... farão roda meninos e meninas,
brincando sôbre a areia...

Enquanto houver uma camisa verde,
Iracema será pura, como a quizeste,
pura como a deixaste, entretanto as meninas
— para o embalo das rêdes sacrossantas
das outras Iracemas pequeninas...

Irás, tranquilamente, às tuas pescarias
— jangadeiro, honrado, do nordeste...

E uma Iracema, de compridas tranças,
cuidando a rêde, para a tua vinda,
há-de olhar o grupelho das crianças
— a ciranda de suas alegrias...

E, vendo, longe, que não vens, ainda,
pondo o barco do olhar, por sôbre as águas
— a jangada do amor, em que é feliz, cativa
— há de cantar, chorando, uma canção de
[máguas...

... Até que surjas, de camisa oliva...

... Farão roda meninos e meninas...

... E o Brasil, cantará numa ciranda viva,
por cima das jangadas,
cujas velas serão, por ti glorificadas
— porque as velas serão, também, de verde oliva —

O Brasil cantará, numa ciranda viva
— a integralisação das plagas nordestinas...

A ALMA INGÊNUA DOS CAMPOS...

Mayrink

(À Alarico Menezes)

Veste a camisa verde — ó sertanejo
— alma ingênua dos vales e das serras!

O Integralista é o campônio feliz,
que olvida as pequeninas desavenças,
que enfraquecem a vida do País,
e, servindo à Família Brasileira,
combatendo o invasor de suas terras,
defendendo o esplendor de suas crenças,

é o soldado de Deus e da Pátria — Homem Novo,
disposto a trabalhar uma grande Nação!
De lança em punho, à face dos ateus,
atira a maldição:

— "Esta é a Pátria de Deus,
que dirige os destinos de seu Povo"...

— "O Brasil é cristão"...

Veste a camisa verde, ó sertanejo
— alma ingênua dos vales e das serras!

Ninguém mais poderá lançar barreiras,
que detenham a marcha vitoriosa
das legiões brasileiras !

Nós faremos a Pátria soberana,
contra os filhos sem Mãe que a desejam cativa !

Olha o vale que é verde, e a serra, verde oliva,
lançado, para cima, os braços, à romana !

E, sôbre o vale e a serra, o céu... bandeira anil,
como esta, que conduz
— de vitória em vitória, de conquista em conquista,
a glória integralista

— do Soldado da Pátria e de Jesus !

Veste a camisa verde, ó sertanejo
— alma ingênua dos vales e das serras !

Espírita ou católica,
anabatista ou presbiteriana,
diversa no ritual — qualquer que seja —
já se integrou a ti a tua igreja...

No fundo, é a mesma Cruz !

Não poderás viver a paisagem bucólica,
se ela não contiver, para a fraqueza humana,
assediada pelo ouro dos judeus,

êsses templos de Luz,
escadas de Jacó
— suprema aspiração da cristandade,
baixando sôbre o pó
e erguendo a Humanidade
— rumo ao seio de Deus !

Veste a camisa verde, ó sertanejo
— alma ingênua dos vales e das serras !

Há uma chaga corroendo, deletéria
— o velho coração da Humanidade...

Homens, fazendo o culto da matéria,
menosprezando a Deus, na eternidade !

Judas ressuscitando o crime milenário,
quer um vulcão de lama, aberto no Calvário !

Veste a camisa verde, ó sertanejo
— alma ingênua dos vales e das serras !

Não são ópio dos povos tuas crenças !
Esta é a guerra de Deus. Esta é a guerra das
[guerras !

Esquece as pequeninas desavenças
que enfraquecem a vida do País...

E o Brasil cantará, desde que te convenças,
e, de camisa verde, engrosses o cortejo
dos soldados da Cruz
— contra o profanador de tuas serras!

... o Brasil cantará, ó sertanejo

— a integralisação dos vales e das serras!...

A HERÓICA RECONQUISTA...

Mayrink

(À Luiz Leonardo de Souza)

Veste a camisa verde — ó proletário
— alma das oficinas!

Sei que te sacrificas, na gloriosa
conquista do futuro de teus filhos,
traçando-lhe a rota esplendorosa,
que o luzeiro do Amor enche de brilhos;
sei que lhes dás o pão de teu exemplo,
erigindo um altar em cada malho,
cada oficina transformando em templo
— para o culto supremo do Trabalho!

Sei que óra vives miserávelmente,
na terra carinhosa de teus pais,
junto ao burguês que passa, indiferente,
supondo a vida um gôzo permanente,
que, em se comprando, não acaba mais...

BURGUEZIA que cega pelo egoísmo,
não se apercebe dos torcer das mãos,
da angústia enorme, do pugente heroismo
dos que a miséria atira, para o abismo
das revoltas, e entrega ao comunismo.

— Caim, vendendo as almas dos irmãos...

BURGUEZIA — excrecência de uma raça,
que se fez grande pelo sofrimento,
interessando a Cruz nos seus destinos!
— Gente que ri — gozando a hora que passa,
porque não baixa os olhos, um momento,
porque não ouve a mágua do lamento
dos humildes, dos bons, dos pequeninos!

BURGUEZIA — essa gente que enxovalha
a Pátria, no que tem de mais querido,
rotulando o seu **grupo**, apodrecido,
de **Família**... Audaciosa estupidez,
porque não há Família na canalha,
nem Família se faz, junto ao burguez...

BURGUEZIA... essa gente que resume
a vida do seu próprio bem estar,
e, embalsamando a carne de perfume,
ilude o olfato e salva as aparências...

Porque a maior das degenerescências,
a que lhe vive, d'alma nos refolhos,
a que se oculta à indiscreção dos olhos,
a que lhe rouba a pureza interior
e, embora pôdre não exala odor
— essa... ninguém consegue embalsamar...

BURGUEZIA — que ri, quando, na rua,
te vê, junto da prole respeitável,
e comenta, em risota: — É um homem morto"...
— "Que coragem"... E o mais que a mulher nua
do burguez acha, sempre, criticável
e assassina seus filhos, pelo abôrto !

BURGUEZIA — essa gente morta-viva,
cínica, torpe, execrável, abjeta,
que diz para a gentalha com que priva :

— "Deus é a suprema utopia do poeta...
Pátria... é uma fantasia... verde oliva...
Família... é o próprio meio em que nasci"...

E, batendo com as mãos por sôbre a pança:

"Deus, a Pátria e a Família estão aqui"...

... BURGUEZIA — que a Pátria do Futuro,
como quem varre um pêso da memória,
riscará, pelas mãos do Integralismo,
transbordantes de fé, cheias de heroismo
— das páginas da História...

Veste a caminha verde, ó proletário
— alma das oficinas...

Sei que a politicagem partidária
mercadejou as glórias do País
e, burgueza também, parasitária,
nunca olhou para a classe proletária,
para fazê-la um pouco mais feliz...

Porque te via, através dos partidos,
quando te conduzia às eleições
pela mão dos espertos e sabidos,
que ensurdeciam, se reconhecidos,
às operárias reivindicações...

Sei que o regime da democracia
transformou tua terra num balcão,
onde a rêde judáica, dia a dia,
cresce absorvendo, em nome do presente,
que cruza os braços revoltantemente,
o futuro de tôda uma Nação!...

Sei disto tudo e sei de teus anseios...

O braço do gigante que trabalha,
sobe... enchendo de sustos e receios,
a alma burgueza e da politicalha...

Porque é preciso, ó proletário, o advento
de uma profunda convulsão social,
tão forte como o vento,
que consiga arrancar, pelas raizes,
rasgando o solo em largas cicatrizes,
as arvores do mal...

Para que, sôbre a Terra, revolvida,
surja, aos olhos dos povos,
gigantesca e viril,
a floresta do Bem, dos Homens-Novos
— a mata verde oliva...

Para que, sôbre a terra revolvida,
surja, nessa manhã primaveril,
e viva sempre, enquanto o Mundo viva,
soberba, altiva, espêssa, magestosa,

— verde, a floresta-môça do Brasil!...

Veste a camisa verde, integralista,
para a grande arrancada,
a heróica reconquista
da Pátria escravisada!...

E o Brasil cantará louvando teu exemplo,
erigindo um altar em cada malho,
cada oficina transformando em templo
— para o culto supremo do Trabalho...
O Brasil cantará festivamente,
levando vida aos lares e às usinas,
o alegre despertar de sua gente
— na integralização das oficinas...

A REVOLUÇÃO NECESSÁRIA

Mayrink

Despe a camisa verde — imediatista,
incapaz da renúncia do presente:
Nem por mudar uma camisa, a gente
conseguirá fazer-se Integralista...

Quem a vestiu, sonhando uma conquista
ambiciosa, iludiu-se, totalmente:
— O soldado de Deus não traz em mente
nenhuma presunção personalista...

Integralista é a escola da humildade:
— Cristo pregando a reforma interior,
na Judéia do egoísmo e da vaidade...

Despe a camisa verde, da revolta
que não sentiste — ó mísero impostor...
Anula-te a ti mesmo... e depois volta...

O SOM DA INÚBIA

Marcus Sandoval

(À Plínio Salgado)

Fitando o céu, tranquilo, indiferente
Ao tropel dos séculos em marcha,
Dormia, o meu Brasil, em berço esplêndido!
Como que a fundir-lhe as energias,
Bronzeava-lhe o semblante, a tez morena,
Do sol ardente, os raios tropicais.
Embalava-lhe o sono a voz das vagas...
E a brisa a verde cabeleira esparsa,
Perfumava gentil!
Dormia, o meu Brasil...
Vinham por noites claras e silentes,
Aureolar-lhe a fronte sobranceira,
A dizer-lhe, por certo, cintilantes,
Celestiais mandados!
Miríades de estrêlas tutelares,
Da Pátria brasileira!
Os regougos do vento e da procéla,
Os rugidos do mar quando em borrrasca,
O soturno retumbo dos trovões,

Do sono manso, plácido, profundo,
Não lhe turbavam a calma!
Dormia o meu Brasil.

.....

Um dia, porém, o som da inúbia
E de festivos borés emudecidos,
Ecoou pelas serras, conclamando
A Nação que jazia...
— Éra a velha voz da raça despertando
O sangue dos tupís!
Era a voz vigilante dos pagés
Acordando os perís!

E o conclamante sinal de alarme e alerta
Entrou pelo sertão como o Pampeiro...
Agitou aldeias esquecidas...
Sacudiu cidades indolentes...
E a vibrar, soberbo e alviçareiro,
Despertou milhões de brasileiros!
Despertou meu Brasil!
Ei-lo agora de pé, altivo e forte!
As cinco estrêlas do cocar ajusta
Na fronte soberâna!
E, firmes, seus passos já ressoam,
Pela brasileira terra americana!

Ilha de Fernando de Noronha.
1939

BRASIL

Marcha

Letra e música de Marcus Sandoval

Após séculos de um sono profundo,
Sob a calma do céu sempre azul,
O Brasil acordou para o mundo,
Do Amazonas as cochilhas do Sul.

Desdobrando o sagrado pendão,
Sob a imensa nação brasileira,
Murmurou: sòmente um coração
Hoje pulsa sob esta bandeira

Sem temer as ciladas da morte,
A marchar, passo firme, seguro!
Brasileiros do Sul e do Norte,
Demandemos o nosso futuro!

CONTRASTES...

Mauro Moreira

No portal de uma casa, encolhido e sombrio,
um pobre desgraçado ia morrer de frio.

Dum carro luxuoso e placa oficial
desceu junto ao mendigo um homem liberal
e vendo-o desgraçado e quase moribundo,
com desprêso exclamou: "Tu és um vagabundo!"

No portal de uma casa, encolhido e sombrio,
um pobre desgraçado ia morrer de frio,

Com uma irada expressão de raiva jamais vista
passou junto ao mendigo um homem comunista,
que disse ao desgraçado e pálido de fome:
— "Agarra de um fuzil e o próprio Deus consome!"

No portal de uma casa, encolhido e sombrio,
um pobre desgraçado ia morrer de frio.

Cantando uma canção melódica e otimista
passou junto ao mendigo um homem integralista,
que deu ao desgraçado o que nem todos dão:
Deu-lhe um Deus, uma cama e um pedaço de pão!

... E através da janela, olhando a noite fria,
o pobre desgraçado, em lágrimas, sorria...

"O VERDE INTEGRALISTA"

Miguel Edmar Soares Arruda
(17 anos)

Eu vejo o verde pelo campo em fora,
Tapete imenso no vergel da serra;
Eu vejo o verde, quando a tarde chora
Lá no bramir do mar da minha terra;

Eu vejo o verde ao despertar da aurora;
No prado em flôr, pela manhã deserta;
Eu vejo o verde entre o botão que aflóra
Em cada fôlha de jasmim aberta.

Eu vejo ainda ao desfraldar, tão lindo,
Todo em esperança e brio se vestindo
No pendão pátrio, tremulando à vista;

Mas, só contemplo com amor ufano,
O pedaço mais VERDE dêste pano,
Quando êle envolve um peito Integralista.

O ANAUÊ! DOS VAQUEIROS

Nicanor de Carvalho

Clara manhã de sol no sertão do Nordeste.
De rústico esplendor a cidade se veste,
Tornam-se mais azuis êstes céus brasileiros,
Para a terra assistir à festa dos vaqueiros.
Ei-los, titãs de bronze, olhar profundo e atento.
Mais bravos que o leão, mais velozes que o vento,
Homens de fibra forte e coração bondoso,
Revestidos de couro, o braço vigoroso
Sustentando a aguilhada... É um prazer
[contemplá-los,
Garridos e tafuis, dominando os cavalos,
Ora a passo ligeiro, ora a galope infrene,
Dando ao quadro uma côr tão simples quão solene.
Êsses filhos do sol, nas caatingas perdidos,
Heróis de tanta luta, obscuros, esquecidos,
São homens que têm fé, que em tempo algum
[perderam
O sacrossanto amor da terra onde nasceram.
Êles amam o Brasil. São patriotas. Vejo,
Firme sôbre o cavalo, um forte sertanejo,
Um robusto vaqueiro, aos ares desfraldando

O auriverde pendão, que sorri tremulando,
Ei-los depois, enfim, de braços levantados,
Retumbante anauê bradando, perpassados
Por um sôpro de fé. Mas, ó Deus, porventura
No domínio estarei do sonho ou da loucura ?
Oh, não ! Mil vêzes não ! O que vejo é a verdade
Vicejando e vivendo em tôda a integridade.
Não sonho nem deliro. Os meus olhos não mentem,
São bem reais os sons que os meus ouvidos sentem.
Ecoar no azul do céu e no verde da serra.
Anauê, meus irmãos ! O vosso gesto encerra,
Vaqueiros do Nordeste, imorredouro exemplo
De energia e de amor, que vós, dais nêsse templo
Cujo zimbório é o céu, cujo altar é a montanha.
Anauê, meus irmãos ! No acesso da campanha
Conosco haveis de estar, de consciência altiva,
Para fazer conosco a Pátria rediviva,
Livre de Norte a Sul, livre de Leste a Oeste.
Lutai pelo Brasil, vaqueiros do Nordeste !

MILÍCIAS VERDES

Nicanor Carvalho

Estamos na floresta. É a hora da alvorada.
Engalanando de ouro os largos horizontes,
polvilhando de luz a imensidão das selvas,
nasce, festivo, o sol, no píncaro dos montes.

Ó cenas imortais! Excelsos panoramas!
Referve em tudo a vida. As grutas, as clareiras,
aos beijos do Astro-Rei acordam, redivivas,
e refletem bem forte a voz das "cachoeiras".

Tudo é perfume e som. As árvores da mata,
nos ramos ostentando a beleza e a pujança
da terra americana, agitam-se, estremecem,
e mostram no seu verde o verde da esperança.

Ó quadro nunca visto! Assombro! Maravilha!
Da natureza mãe recondito segrêdo!
Luzidas legiões de moços destemidos
irrompem, varonís, dos troncos do arvoredo.

Brasileiros! Olhai; são as Milícias Verdes,
que têm uma alma grande ao pátrio amor aberta.
O seu grito de fé reboa nas quebradas
— é a voz da nossa terra! É o Brasil que desperta!

À PLÍNIO SALGADO

Nobrega de Siqueira

O ciclo individualista passou.
A importância capital das mulheres
ficou longe,
como uma saudade vaga.
E ficaram, no passado, a métrica e a rima.

Meu verso, agora, exige ambientes mais largos,
mais vastos, mais amplos.

É o novo ciclo que surge.

Olho o Brasil, de Norte a Sul,
com olhos de amoroso encantamento.
Desvendando seus segrêdos,
perscrutando a sua alma,
ouvindo a voz alti-falante
da Cachoeira de Paulo Afonso.

Gaúcho impulsivo e valente,
como eu te quero bem!
Amo o teu "pingo", a tua "china"
e o teu "entrevero",
cheio de lances, de lenços, de laços e lanças.

Seringueiro estóico do Amazonas,
como eu te estimo!
Sinto a minha alma
queimada pelos mesmos raios de sol
que queimam tua pele bronzeada!

Catarinense loiro,
como eu te amo!
Tu tens o nome arrevezado,
tu tens os olhos de azul cobalto,
mas descobres tua cabeça loira
de descendente germânico
e te entusiasmas, patrioticamente,
quando vês a bandeira do Brasil.

Pernambucano moreno,
neto de Camarão,
de Henrique Dias
com eu te quero!
Nas tuas veias ainda corre o mesmo sangue
dos leões do Norte
que expulsaram Nassau, o estrangeiro invasor.

Meu paulista heróico,
que desbravou sertões,
que cruzou a caatinga,
que semeou cidades
e que, depois, deu ao Brasil
uma cidade de arranha-céus.

Meu Brasil misturado,
com sons de atabaques
e ribombos de bombos sonoros e soturnos,
como eu te amo,
no meu ciclo evolutivo !

Quero ambientes mais vastos
para exaltar-te no meu verso,

Para poder cantar-te, como devo,
oh ! meu Brasil grandão !
em tôda a tua expressão,
eu quero que o meu verso
vá além de tôdas as distâncias...
E que atinja a amplidão,
Brasil da minha evolutiva exaltação.

A UM CORAÇÃO DE MÃE

Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha

Filha do Estado de Pernambuco, o valente "Leão do Norte"; sentindo ainda me correr nas veias o sangue do martir da liberdade, o "Padre Roma"; viúva de um homem que fez parte do grupo "Cadetes de Floriano" da Escola Militar, e que sempre se bateu pelo nacionalismo, quer na imprensa, quer na tribuna, como orador vibrante; Mãe de quatro fervorosos Integralistas, não podia deixar de vibrar, vendo o vosso juramento, prestado nas fileiras do "Sigma", demonstrando assim o vosso amor à Pátria e a saudade do filho estremecido, morto pelo vosso e pelo meu Brasil.

Sem conhecer-vos, eis as credenciais com que me apresento para oferecer-vos êstes versos, sem valor algum, mas partidos do meu coração.

Mulher! eu te saúdo e te consagro!
A ti que tens no peito bem trancado,
Um coração de Mãe despedaçado
Em seu amor.

Ês tu que ainda assim te entusiasmas
Que o pranto enxugas, e grandiosa e bela,
Sem temêres as fúrias da procela,
Vibras de ardôr!

A memória do filho venerado,
Que outro preito maior lhe renderias,
Que corôa melhor lhe tecerias,
De ouro e anil?!

Fazendo-te, porisso Integralista
Bem mostras que te corre o mesmo sangue
Do que tombou heroicamente, exangue
Pelo Brasil!

O GRANDE SONHO
(1936)

Nunes da Silva

Eu o vi galgar sòzinho a encosta da montanha
— Levando uma alma boa e um grande coração,
Em demanda da Luz que o mundo inteiro banha
Ansiando conseguir da Pátria a salvação.

Vi-o chegar ao tôpo onde, estendendo os braços,
Com um grande olhar de amor, de compaixão e paz,
O Salvador do mundo, a fitar os espaços,
Tanta brandura inspira a todos os mortais.

Vi-o os braços abrir em lágrimas desfeito...
Ante a imagem do Mestre os joelhos dobrou;
E, sentindo o bater do coração no peito,
Ao Cristo-Redentor a sua alma falou:

— Senhor ! "Vi minha Pátria errando em passo
[brando
Para a dissolução e a ruina caminhando.
Vi um materialismo insolito, grosseiro,
Dia a dia secar do jovem brasileiro
Da inspiração a fonte. Eu vi que se estancavam
Do almo espiritualismo as fontes que cantavam.

Vi o desatino, vi a tristeza, o abatimento
Os moços esmagando. O cosmopolitismo,
O internacionalismo, o cômico snobismo
Vi destruindo o esplendor da originalidade
Brasileira. Sim, vi com infinita saudade
As nossas tradições, tão caras, esquecidas;
As virtudes mais sãs pelas outras feridas,
A ironia açoitando o ardente patriotismo
E dos nossos heróis desapreçado o heroísmo.
O vil partidarismo a todos separando;
Eu vi o regionalismo a dividir, tramando;
Entre os intelectuais, confusão dissolvendo;
E a própria liberdade eu vi se convertendo
Em licença e a licença em lubrica anarquia.
Vendo tudo isso e vendo uma Pátria-Criança
Em plena madrugada e plena de esperança,
Vi que era o meu dever, de ânimo varonil,
(Já que eu vira e sentira o drama do Brasil)
Esforçar-me por ver esta Nação-Criança,
Êste Povo nascente e de tanta pujança,
Liberto da que o ameaça enganadora sorte.
Dai-me fôrças, Senhor, que eu partirei sòzinho
À luz do vosso olhar, clareando o meu caminho.

Abria o mar na praia o seu lençol de espuma
Na cadência augural de uma canção funérea;
Bailava ao longe a vela e amarelando a bruma,
Iluminava a lua a vastidão etérea.

Nem uma ave no espaço, a sacudir a pluma,
Erra, muda, cruzando a placidez aérea;
Só êle, o eterno mar, as ondas avoluma
Orlando o extremo azul da abobada sidérea.

Há tristezas em tudo e aparências de mágoas...
O marulhar contínuo e gemedor das águas
Acompanhava a toada exul do remador.

Foi assim que êle ouviu, atônito, sorrindo,
Uma voz celestial que lhe disse, traindo
A voz angelical do meigo Salvador:

— "De Tiradentes alma iluminada e forte
Reincarnada de novo! Essa é a tua sorte.
Por teu Brasil amado irás Brasil em fora
Em busca da ridente e promissôra aurora
Com que sonhaste um dia...
Pregarás a união sagrada aos brasileiros,
Eternarás o amor entre os teus companheiros,
Falarás ao caboclo, assim, qual a um irmão,
Ao soldado e ao marujo estenderás a mão,
E ao operário também, que serão teus amigos.
Arrosta com altivez revezes e perigos,
Se é amigo da lei, da ordem e da autoridade,
Sem que firas, de leve, a tua dignidade.
Parte e aqui tornarás feliz, não mas tristonho,
Por teres realizado o teu querido sonho".

— "O meu sonho, Senhor, é ver de sul a norte
O meu caro Brasil feliz, grandioso e forte.
Um Brasil de bondade, uma Pátria amorosa
Com seus filhos vivendo a vida mais ditosa,
Felizes no seu této e alegres no trabalho.
— Disse — e continuando:
— "Eu sonho com um Brasil em que o operário
Esteja satisfeito com o salário.
Brasil, senhor de suas minas de ouro,
Em que consiste a acêsa pedraria
De seu ferro, seu níquel, do tesouro
Que o garimpeiro doava à mão judia
Quando, outrora, vivia da desgraça
De ter de oferecer quase de graça
O fruto animador do seu trabalho
Que não lhe garantia um agasalho;
Com êsse Brasil, celeiro do Universo
Num oceano de progresso intenso imerso;
Com os portos carregados de minério
E os céus cortados por comércio aéreo;
Com o vasto litoral bem guarnecido
E o imenso território defendido
Pela honra do marujo e do soldado,
Imbuidos de um ideal imaculado.
Eu sonho com um Brasil cheio de estradas
Através de montanhas e chapadas,
Com os rios navegados pelas frotas
Que tragam das regiões, as mais ignotas
As riquezas do nosso invio sertão

Onde o Brasil inspira compaixão.
Com um Brasil que dê této ao homem da roça
Livrando-o de viver numa palhoça
Onde êle passa a vida com os filhinhos
Ao sol e à chuva à beira dos caminhos.
Com um Brasil de Justiça social
Que faça inveja à vida universal
E onde a Justiça e o império do Direito
Gozem do máximo e integral respeito.

Eu sonho com um Brasil, primeiro entre as
[potências
Que havemos de construir sem mêdo e sem cansaço,
Com a sagrada união de tôdas as consciências
Com o ardor dos corações unidos num abraço".

Fitou de longe a estrada e, na hora da partida
Sorriu
Sorriu, grato ao Senhor, num ar de despedida
E partiu...

A N A U Ê !

O. Muniz

Ouço, ao longe, um rumor estranho, indefinido,
Semelhante ao rufar de um tamborim de guerra,
Que vai, de lado a lado, enchendo tôda a terra...
Ressonância viril de um povo destemido!...

Um lábaro de fôgo, exemplarmente, erguido
Por invisíveis mãos, nos píncaros da serra,
Conclama ao prélio, a raça em cujo peito encerra
O grito de revolta, então, desconhecido!...

Sigma de uma Bandeira, ao vento conduzido.
Em seguimento ao som, que pelas selvas erra,
Nos quadrantes da Pátria, aos poucos se descerra
A mágica palavra, o mágico — SENTIDO!...

A verde caravana exsurge dentre a bruma,
Aguerrida, a marchar, altiva e sobranceira,
Cantando heril canção, que logo se avoluma...
E na ânsia de vencer a Divinal Conquista,
A tropa se eletriza, freme, e luta à beira
Do pavilhão azul e branco — INTEGRALISTA!...

É a Pátria que desperta, e dá um passo à frente,
Agitando no ar, apenas, a BANDEIRA
De uma grande NAÇÃO DO NOVO CONTINENTE!

RAÇA NOVA

Osmar Barbosa

Hoje esta Raça Nova, em depravado estôrvo,
atira-se sem crença ao negro vilipêndio,
espêlha-se desnuda em pleno rumo tôrvo
e lê episódios vís do rúbido compêndio.

Brasileiros ! Onde está teu denso ardôr ? O corvo
da Infâmia o carregou? Rebusca-o, cava-o e
[estenda-o
sôbre élos colossais, bradando: Enfim, já sôrvo
vida melhor ! Enfim, me cerca um outro incêndio !

No aurífero porvir, altissonante berro
ao mundo exclamará vencendo o imenso espaço:
O Brasileiro tem por símbolo e tesouro

para alargar seu vulto, um músculo de ferro,
para expandir sua alma — um pensamento de aço,
e para erguer seu peito — um sentimento de ouro !

POEMA DO HOMEM NEGRO

D. S. Padão

(À memória de um companheiro que morreu longe).

Aquêle homem forte,
escuro, erecto, valente,
desafiava a morte.

Na milícia,
não mal comparando, parecia
o jequitibá
em tôrno do qual,
gloriosamente,
a **floresta verde** se estendia.

Mas um dia, porém,
Deus o levou também.
E desde êsse dia,
um vácuo na terra se sentia
em pról da Milícia do Além.

Hoje, resta a certeza
à minh'alma varonil:
— Quem morre camisa verde,
morto, é muito mais vivo
no coração do Brasil!

INTEGRALISMO

Padre Mello

Anauê ! Anauê ! Clama de sul a norte
de novo apostolado intrépida coorte

Anauê ! Anauê ! E para a frente avança
Como quem leva acêsa a luz de uma esperança.

Como se levantasse a palma da vitória
Ao hino triunfal na grande trajetória

E vai pelo arraial e vai pela cidade
Fazendo revibrar o verbo da verdade;

O verbo nunca ouvido, o verbo irradiante
Que ilumina e conquista e vai seguindo avante.

Um evangelho novo, uma nova doutrina
Que ora dirás humana, ora dirás divina;

Humana, vem de amor à Pátria Brasileira,
Divina, eleva a Deus uma nação inteira;

E se integram no povo os elementos vários
O mesmo povo integra em Deus nos santuários.

Seja qual fôr o credo. É livre a consciência,
Mas crêia, reconheça e adore a Providência,

Que vela sôbre um povo à beira do abismo.
Unam-se todos! Clama a voz INTEGRALISMO.

Para todos um centro, assim como no espaço
Os astros de um sistema unidos pelo abraço.

Das leis universais. São corpos imperfeitos
Mas giram livremente às órbitas sujeitos.

Nenhum na rotação invade a alheia esfera
E em todo o movimento a ordem não se altera.

Perfeito INTEGRALISMO. Eis a lição dos astros
Que nos vem do infinito em luminosos rastros.

Escute a humanidade a voz da natureza
E imite a do universo harmônica beleza.

Que tem por fundamento
a obediência inteira.

AVANTE, INTEGRALISMO! Apressa-nos o advento
Do reinado da paz na PÁTRIA BRASILEIRA!

Bom Jesus de Itabapoana, Agosto
de 1934.

HINO DO INTEGRALISMO

Padre Mello

(Dedicado a PLÍNIO SALGADO)

Ardente amor da Pátria
um grande gênio incende;
imensa idéia explende
qual astro em céu azul.
A idéia fêz-se verbo,
o verbo fêz-se chama
que lavra e se derrama
ao Norte, ao centro, ao sul.

Avante, brasileiros
à nova luz conversos!
Nossos irmãos dispersos
traremos ao redil.
Sob uma só bandeira
de pensamento novo
una-se todo o povo
em terras do Brasil!

Da plebe ou de alta estirpe,
inculto ou ilustrado,
roceiro ou magistrado,
do burgo ou do sertão,
façamos o organismo
de um corpo são e forte
pulsando ao sul e ao norte
o mesmo coração.

Nem côr nem classe ou crença
os passos embarace
a quem o lema abrace
Família, Pátria e Deus.
Há de sofrer sómente
intérmino ostracismo
o rábido extremismo,
o logro dos plebeus.

Não entra em concorrência
a ação integralista;
é sua ideal conquista
o todo no porvir.
Sigam tumultuárias
em linhas paralelas
as sociais parcelas;
um dia se hão de unir.

Se é uma só a Pátria,
só uma a autoridade,
queremos a unidade
na brasilense grei.
Que vivam só na História
os túrbidos partidos:
vivamos nós unidos
a Deus, à Pátria, à Lei!

Setembro de 1934.

CANÇÃO DO INTEGRALISTA

Padre Mello

Eu visto a camisa verde
porque me alenta a esperança
de ver a Idéia que avança
chegar ao ponto final.
Eu visto a camisa verde
para não ter a tristeza
de ver minha Pátria prêsa
do ouro internacional.

Eu visto a camisa verde
porque desejo a família
no labor ou na vigília
sempre unida pelo amor,
Eu visto a Camisa verde
para o lar abençoado
não o vermos profanado
por selvático furor.

Eu visto a camisa verde
para que os ímpios estultos
não soltem grossos insultos
a Deus, aos Santos, à Cruz.
Eu visto a camisa verde
para que nunca se veja
dinamitar uma igreja
em que se adora Jesus.

MULHER INTEGRALISTA

Padre Mello

Mulher, espôsa ou filha, ó flôr da humanidade
que perpetuando vais a genesis da Vida,
— ouve da Pátria amada a voz enternecida
que pede o teu concurso em turva atualidade.

Ela não vê em ti sòmente a faculdade
de conservar no globo a raça refundida;
és o laço do amor, a lâmpada acendida
no seio da família e da sociedade.

E o velho Judaísmo e o Comunismo novo
quer apagar a luz que és tu, e pensa
nas trevas explorar o esfomeado povo,

O povo sem família e sem Deus e sem crença,
o povo que, iludido, há de cair no abismo,
se o não vier salvar a Ação do Integralismo!

ANIMO!

Padre Mello

Sangue e morte de S. Paulo
apregoa-se ao País,
Que importa? é um novo Saulo
que novo credo maldiz,
Que importa? na antiga Roma
onde quer que a Igreja assoma
corre o sangue dos cristãos,
porém o sangue que corre
é semente que não morre
e produz novos irmãos.

Igualmente o Integralismo;
o sangue que derramou
em combate do heroísmo
já n'esta hora germinou.
A onda que no ar espalha
o crepitar da metralha
e das bombas o fragor
vai despertando nas almas,
indiferentes ou calmas,
da Pátria mais forte amor

A belicosa atitude
do elemento feminil
vem gritar à juventude:

"defendamos o Brasil"
E nas jovens se levanta
espécie de inveja santa
de igual sorte e fama igual
e dizem: Perder a vida
por nossa Pátria querida
é ganhar vida imortal.

Três mártires já tombaram
outros feridos estão.
Perdendo a vida ganharam
nossa eterna gratidão,
Pois cada lage funérea
que lhes abriga a matéria,
esta legenda nos dá:
Da vida no sacrifício
vêde, irmãos, o benefício
que à nossa Pátria virá.

E o truculento inimigo
bem o soube calcular.
Quer que vejamos perigo
n'êste soberdo marchar,
E marchar é para a frente.
ANAUÊ! que tôda gente
que tem Deus e que tem fé
saude o novo estandarte
unindo-se em tôda parte
ao movimento! De pé!

Outubro de 1934.

ORAÇÃO DO INTEGRALISTA

Padre Mello

Senhor que os céus creaste
e os mundos do Infinito
onde em arroubos da alma
vejo teu nome escrito;

mundos que vão girando
por essa imensidade
mas em plena harmonia
e em plena liberdade;

uns dominando os outros
e todos sob o império
das leis que lhe ditaste
ocultas no mistério;

Senhor que à argila inerte
por tua complascência
uniste uma centelha
da tua própria essência;

e ergueste assim o homem,
a flôr da Criação
que tem raiz na terra
e aroma na amplidão;

e deste-lhe o domínio
sôbre outras criaturas
desde o alado inseto
aos astros das alturas;

e inteligente e livre
e social o fizeste
e da moral a norma
na mente lhe puseste;

e contudo, Senhor,
o mundo está num cáos;
são vítimas os bons
e déspotas os maus.

Os homens pervertidos
só tem por ideal
o mundo sem govêrno,
o homem sem moral.

Renega-te a impiedade,
nega teu nome e até
tua existência! e odêia
aquêles que tem fé.

Mas nós, Senhor, que alçamos
do Sigma o estandarte
proclamamos teu nome
bem alto em tôda parte.

Queremos que se crêia
Em tua Providência
e que és a eterna Causa,
a fonte da existência,

da ordem, da justiça,
da própria autoridade
dos homens sôbre os homens
e sôbre a sociedade.

Queremos teu império
Senhor, as tuas luzes,
a mão que dás benigno
aos povos que conduzes

se te amam, se te invocam
nos tétricos momentos.
E tu Senhor, bem sabes
os nossos pensamentos

quando erguemos os braços
em vertical postura
para exprimir que o auxílio
nos há de vir da altura.

Ampara-nos ! Pertence-te
esta grandiosa emprêsa,
— da Pátria e da família
e da moral defesa.

Tu, Senhor, que puzeste
em nossos céus a cruz,
e às selvas ensinaste
o nome de Jesus,

abate o braço iníquo
dos inimigos teus
e dá-nos a vitória
que a glória é tua, ó Deus !

Fevereiro de 1935.

FRENTE ÚNICA

Padre Mello

Eis-me no meio de espiritualistas
de credo igual e credo diferente
para que vendo-nos entenda a gente
os nossos ideais integralistas.

Nós estamos ali conforme as vistas
do grande Papa que não quer sòmente
seus súditos fiéis compondo a frente
contra as hostes vermelhas comunistas.

Assim a nova salvadora Idéia
que por todo o país lampeja e avança
vai sendo ouvida por maior platéia.

Bom Jesus de Itabapoana, Setembro de 1935.

A CANÇÃO DO SEGUNDO TAMOIO

(Para todo aquêle que plante na terra
do Brasil a semente da palavra do
Sigma, escreveu êstes versos —

Pessôa de Lima)

Meu filho, tu és sangue do meu sangue
Vida plasmada em minha própria vida !
Quando o Verbo eu sentir morrer no lábio exangue
E na janela do olhar a paisagem escurecida,
Quando envelhecido e morto de cansaço
O braço de teu pai não mais se erguer
Toma a centelha prestes a morrer
E inflama o tempo iluminando o espaço !

Sonda o céu... Vem perto a tempestade
A noite de breu da negação total...
Teu pai vai pelo campo e na cidade
Bater às portas do brio nacional !
Há abutres voejando nas alturas
Há homens sem Deus, almas impuras

Causando aos olhos meus dura vigília...
É preciso que eu vá gritando forte
Que é preciso lutar e ser viril
Que é hora de morrer sorrindo à Morte
Pela grandeza suprema do Brasil!

Se eu não voltar, meu filho, escuta atento
Longe de ti — espírito e pensamento —
Animarei teus passos nas estradas
E tu que és a alma de minh'alma
Hás de sentir na mente a doce calma
De quem prossegue na mais santa das jornadas!

Luta! Conduz avante o lábaro azul e branco
Faze da tua vida tôda uma epopéia
Não te apavore na estrada o solavanco
Que "a luta é a atmosfera da Idéia"...
Quando eu voltar, agora ou noutra vida
Hei de chamar-te, meu amado filho,
Hás de achar nos meus olhos, novo brilho,
Na minha voz uma alma agradecida.

x x x

Falou assim o Tamoio verde do Brasil
Chorando sôbre a cabeça do seu filho.
Beijando a espôsa, pálida e febril
Olhos acêsos d'angustiado brilho!

Forte, empunhando o arco da Idéia
A seta da Palavra Espiritualista
Mayrink realiza uma epopéia...

Um dia a Pátria escreverá cantando
No bronze da História Integralista
O nome do bravo que viveu lutando
Pela grandeza do Sonho Alvi-anil
Soldado Verde de Deus e da Família
O Segundo Tamoio do Brasil!

Recife, 24-7-35.

A MARCHA INTEGRALISTA

Ribamar Pereira

Integralismo é doutrina,
Que a consciência ilumina,
E que orienta a razão.
Unindo, de sul a norte,
Os filhos da raça forte,
Que engrandece, esta Nação.

Há de chegar o momento
Em que, uno, o pensamento
O Brasil dirigirá,
Sagrando a Pátria altaneira,
No auri-verde da palmeira
Onde canta o Sabiá !

Pregando fraternidade,
Queremos que a sociedade
Tranquila possa viver.
Mas, em frente de inimigos,
Não temeremos perigos
E saberemos morrer.

Brasil! — pelo teu passado,
Que a História tem consagrado
Por ser destino mais puro,
Juramos solenemente,
Que, se és grande no presente
Maior serás no futuro.

Que de bençãos se revista
Tôda a ação integralista
Que enaltece os filhos teus!
E **Anauê** seja o grito,
Que eleve até ao Infinito,
As nossas preces a Deus.

À PROVÍNCIA DO MAR

Sidney Netto

Nesta Província, que balança
em grandes náus, no oceano a arfar,
viverá sempre na lembrança
do marinheiro audaz e forte,
diante da vida e diante da morte,
por sob o céu, por sôbre o mar!

Por sôbre o mar, por sob o céu,
mar de esmeralda e céu de anil,
tremularão suas bandeiras,
dias de sol, noites de estrêlas,
das rudes vagas no escarcéu,
entre batalhas, glórias mil!

Brava e feliz, lutando ao sol,
em meio à noite constelada,
ou dentro do último arrebol,
de uma bravura sem rival,
é sempre a mesma abnegada,
numa cantiga triunfal!

Ruja a borrasca horripilante
e a onda bravia, em fúria acêsa,
galope em torno aos vendavais,
ela, a Província triunfante,
resplandescente de beleza,
é imortal entre as imortais!

Por entre os ventos máus, batida
do mar, no rude sorvedouro,
fulgindo no alto os astros de ouro.
da luz de Cristo a guiarão,
leva ela vidas para a vida,
de glorificação em glorificação!

O MAIS BELO "MANIFESTO"

(Ao companheiro ABÍLIO GOMES, com referência a uma fotografia sua e de seu filhinho, no primeiro número de "ANAUÊ".)

Silvio Luiz Michelloti

Com que orgulho sustentas no teu braço
o filho teu!
Que já levanta, junto ao teu regaço,
o bracinho seu
n'um Anauê...
que Deus escuta
e a Pátria vê!
Jamais o tempo cancelará o gesto
tão nobre e lindo,
de exemplo vivo nêsse "manifesto",
de glória, infindo!
E êle é a imagem dêsse Brasil-menino...
sabes porque?
Porque Integral será o seu destino...
.....
"Até os "pimpolhos" já dão "Anauê"!

Rio, 13-11-1935.

A VOZ DE DEUS

Cônego Thomaz de Aquino Menezes (José)

Mãe brasileira, mãe que de ternuras
Tens um tesouro n'alma, escuta, agora
Voltado para o céu, à luz da aurora,
A voz de Deus falando das alturas:

"Mães do Brasil em cujas almas puras
A minha bênção vive e de hora em hora
Potente se revela, como outrora
Nas memoráveis mães das Escrituras.

O inferno trama contra os meus altares
E jura desfazer os vossos lares,
Todo o respeito, o amor, que merecerdes.

Fazei bater os corações mais forte;
Intrépidas fazei no Sul, no Norte,
Dos filhos que vos dei "Camisas Verdes".

HINO DO NÚCLEO DE MIRACEMA

Cônego Thomaz de Aquino Menezes (José)

Quer tu venhas do sul ou do norte,
Ou das praias sem fim, do sertão,
Dize cheio de fé: — meu afeto,
Deus, a Pátria, a Família, terão.

Côro

Camisa Verde,
O céu te vê,
A Pátria escuta
Teu "anauê".
Anauê! Anauê! Anauê!

A Camisa que vestes é verde,
Tem a côr da esmeralda, do mar,
Da folhagem dos campos, dos montes.
Da bandeira da Pátria, é sem par.

A bandeira do Sigma retrata
O esplendor dêste céu côr de anil
Que se estende dos Pampas ao Norte
Sôbre a Pátria querida, o Brasil.

Ama a Deus sôbre tudo... Do peito
Solta um brado vibrante de fé:
— "Deus é grande, Deus vive, Deus reina" ! —
E por Deus fica alerta, de pé.
Vem, desdobra a bandeira do Sigma,
Ser valente, ser forte; é dever.
Deus, a Pátria, a Família defende,
Pouco importa na luta morrer.

Eia avante! Anauê!... Pela Pátria
Desfraldando do Sigma o pendão,
Dá-lhe tudo o que tens, — tua vida —
Dá-lhe o sangue do teu coração!

INTEGRALISMO

Valente (Adão)

Tenho certeza e fé que brevemente
a tua luz de sol esplendoroso,
ilumine êste sol inteiramente,
tornando êste país maravilhoso.

Vejo-te em marcha, aceleradamente,
galgar montes e rios, corajoso,
e quando passas tão heroicamente
passas cantando um hino fervoroso!

Destruirás os males desta terra,
o falso engôdo do fatal cinismo
que a Liberal-Democracia encerra...

E também, prosseguindo a tua trilha,
hás de humilhar o féro Comunismo
que nega a Deus, a Pátria e a Família!

BRASILEIROS, SENTIDO!

Waldomiro Ferreira
(Major do Exército)

Enquanto os empreiteiros da desgraça,
Na ronda estéril, na investida estulta,
Persistem nessa prédica que insulta
E a covardia ao servilismo enlaça,

Levantemos no ardor da nossa raça
A cultura, a altivez que nela avulta,
Por sepultar a cáfila insepulta
Dêsses mortos morais de idéia escassa!

Sentido, brasileiros! Já se apresta
A matula boçal, tentando a festa,
Que às saturnais deixa perder de vista!

Mal haja quem fugir à dura prova,
À dura construção da Pátria Nova
Nos moldes da Doutrina Integralista!

Rio, 30-10-35.

APÊNDICE

Uma poesia de Tasso da Silveira
e uma Ode, em latim, do Padre Caetano Oricchio S. J.

"ANTES", "DEPOIS", IGUAL A "SEMPRE"

(Nota dos Editores)

SETE anos e dois meses decorreram sôbre as poesias que acabamos de ler neste volume. Foi o tempo do Exílio do Chefe. Os adversários do Integralismo tudo fizeram para destruir o Grande Movimento. Muitos acreditaram que êle não passara de um episódio efêmero na História do Brasil. Mas a sementeira ficara germinando na ausência de Plínio Salgado.

A 17 de agosto de 1946, o Chefe regressa à Pátria.

À frente da multidão de integralistas que o aguardavam, estava a magnífica surpêsa: dezenas de jovens de 20 anos saudavam o Exilado, os olhos ardentes de fé e húmidos de emoção. Traziam o testemunho de uma Geração Nova; eram os Continuadores, formando na vanguarda dos Seguidores, dos brasileiros de fé e caráter, que não haviam desertado.

Êsses jovens procuraram o Grande Poeta — glória das letras e do idioma pátrio: Tasso da Sil-

veira, para que êle fôsse o intérprete da Juventude Nacional. E Tasso leu o Poema que aqui inserimos.

*
* *

Plínio retomou sua marcha e sua luta. O ambiente do após-guerra no Brasil era o pior possível. Em cada cidade onde o Chefe Integralista falava ao Povo, explodiam conflitos preparados pelos agentes de uma potência estrangeira. A firme decisão de Plínio Salgado tudo enfrentava, com risco de vida, mas levando por tôda a parte a coragem de um indomável combatente.

Numa dessas excursões, passou pela velha cidade de Anchieta (Estado do Espírito Santo), onde viveu e morreu o Apóstolo das Selvas. Recebido ali, festivamente, o Padre Caetano Carmo Oricchio, da Companhia de Jesus, saudou-o com uma Ode em Latim. É êsse trabalho poético que damos, em seguida à poesia de Tasso da Silveira, no original latino e numa tradução livre.

As duas composições — a de Tasso e a do Padre Oricchio se completam. Uma assinala o Regresso do Lutador; a outra a plenitude de uma vida dedicada ao serviço da Pátria, ou seja a retomada da ação, a continuidade da batalha.

*
* *

À primeira parte dêste livro poderiamos subordinar à legenda: "Antes"; e à segunda parte, a êste apêndice, ao distico "Depois". E, unindo o "Antes" ao Depois", poderiamos dar a todo êste volume um título: "Sempre".

SAUDAÇÃO A PLÍNIO SALGADO

NO SEU REGRESSO DO EXÍLIO

Tasso da Silveira

Demora-te um pouco no humbral da Mansão da
[Família
a que retornas sedento de ternura.
E ouve as palavras da Mensagem que por mim te
[enviam
os que eram infantes quando partiste.

São êles que falam pela minha voz
em que há sombras de cansaços,
mas ainda é capaz de ressonância
que afligem muito
os que a desejariam calada para sempre.

Os que eram infantes quando daqui partiste
de há muito esperavam êste momento
para com a sua presença te darem
o sentimento deslumbrado
de que, em verdade, a madrugada veio
depois da noite dolorosa.

Traze, de longe, os olhos mais límpidos
e a alma mais pura,
porque fôste em demanda do Graal,
como um calaveiro arturiano,
e o Graal te apareceu
e tombaste, comovido, de joelhos,
e te sentiste liberto
das últimas vacilações da inteligência frágil
e dos últimos estremecimentos de orgulho ignóbil,
e dos derradeiros apêlos da concupicência miserável.
Tomaste, por isso, o teu instrumento magnífico,
de timbres de ouro
e cantaste, num canto imortal,
"A Vida" de que sendo Verbo, se fez carne,
para que os homens não se esquecessem
de que trazem uma alma eterna
sob o manto do sofrimento e fraqueza do corpo
[exausto.

Cantaste, e de cada vez mais te purificaste
e de cada vez te fizeste mais humilde
e de cada vez fôste encarnando melhor
o sonho de redenção da Pátria,
que semeaste nos corações inumeráveis.

Então, sentiste que devias regressar
à Mansão da Grande Família
e eis-te, por fim, no instante de extase da chegada
com a madrugada em face de ti, para saudar-te!

Corre os olhos em torno, e verás,
como são invencíveis os ideais generosos,
nascidos de amor Àquêle
que sendo verbo se fez carne,
para que os homens não esqueçam,
que trazem uma alma eterna.

Fixa os olhos nessas fisionomias claras e ardentes,
de meninos de vinte anos,
e compreenderás que a seara nasce e renasce,
e indiscontinuamente,
e renascerá tantas vêzes quantas forem necessárias
para que sonho enorme se efetive,
e aos olhos do mundo se faça realidade explêndida.

Se desviares o olhar para o fundo da cena
[iluminada,
verás que ali se perfilam vultos serenos de homens,
que não tem mais no rosto o frescor primaveril,
mas cujas pupilas ardem
do mesmo fervor infatigável.

A êstes, deixaste na liça dura quando partiste,
ao lado de outros que, nêste instante
são os grandes ausentes,
porque, por desígnios de Deus,
tombaram na luta pelo sonho.

Os que ficaram, trazem cabelos brancos
e rugas nas faces,

mas sorriem dêstes cabelos e destas rugas,
lembrando que são a florada
de sacrifícios e de heroísmo.

Os que tombaram
lá estão nos campos com o seu silêncio,
com o terrível silêncio
dos que morreram pelo sonho,
e que é um grito de comando.
um chamado,
uma exortação infinita
ao dever de não deixar nunca de sonhar e de lutar.

Olha, porém, sobretudo, para a fileira da frente,
onde se abrem as novas espigas do trigal
e as rosas do Tempo Novo.
Elas é que, por minha palavra, te saudam.
Por minha palavra, mas principalmente,
pela sua presença formidável,
pela sua presença amanhecente,
pela sua presença que é esperança,
pela sua presença que é certeza,
pela sua presença
que te diz que os trigais e os rosais,
nascidos de sementes puras,
fê-los Deus para que incessantemente se renovem
e se distendam e propaguem
por tôda a curva do planêta
vestindo o mundo de alegria e de beleza!

ODE EM LATIM A PLÍNIO SALGADO

IN PLINIUM

(Padre Caetano Carmo Oricchio, S.J.)

Plini, Brasiliae terras qui visis amatas,
leges Aeterni sacraque jura tuens,
unica quae pacem populis praebere
valebunt,
hic tibi nune libeat sistere, quaeso,
gradum.
Prisca solum calcas quod Rerigtiba
vocatur,
sacra solum patriae quod monumenta
tegit.
Plinius alter iam — rem nune meminisse
iuvabit
Vulcani flammas perecrebuisse videns,
adspectavit iners immensa incendia
circum,
incautumque ignes involuisse ferunt.
Tu peiora vides, o Plini, incendia
circum,
sed prudens tibi iam Brasiliae oque paves.

Tu hec iners adstras; clamas,
avertere tentas,
Excutis se somme te patriamque tuam.
Incauto torpent heu! plurima membra
sopore;
Dura manent humeris suscipienda tuis.
Siste gradum hic, Plini;
Plini, nova robora sume;
Dura tibi nimium sunt superanda mala.
Sume tibi vires hic;
Christi haec terra sacrata est;
una tibi Cristus
spesque salusque manet.

IN PLINIUM

(Tradução livre)

Andas percorrendo, ó Plínio,
as terras amadas do nosso Brasil,
Para proclamares
— novo arauto do Eterno —
as leis e os direitos divinos,
os únicos que podem oferecer aos povos
garantia de Paz.

Apraza-te, por uns instantes,
deter teus passos
sôbre êste torrão da Pátria.

O solo que pisas é Anchieta
— a velha Reritiba —
que encerra as memórias mais sagradas
da História Brasileira.

O célebre Plínio, o Antigo,
investigador da Natureza,
vendo outrora as chamas do Vesúvio
imperversarem-se em fúria,

deteve-se a contemplar inerte
(é bom recordá-lo nêstes tempos)
as labaredas do imenso incêndio
e, incauto, pela catástrofe
terrível foi arrebatado.

Tu vês, ó Plínio, um incêndio
mais catastrófico ameaçar os Povos;
mas, precavido, tu te preocupas
não por ti, mas pela sorte
da Pátria querida.

Não contemplas inerte
o pavoroso espetáculo; ao contrário,
clamas!
Tentas, por todos os meios,
despertar do letargo as conciências incautas.

Quantos, infelizmente,
jazem entorpecidos e surdos!
Dura tarefa a que te pesa aos ombros
de arauto do Eterno!

Detem teus passos aqui, por instantes,
ó Plínio!
Retomarás vigor para enfrentares
os sacrifícios que te aguardam
no caminho da Verdade
da Justiça e do Bem Universal.

Retomarás vigor nesta cidade-relíquia
que é solo sagrado de Cristo,
pois Cristo só te resta
como esperança e salvação
do teu Brasil amado
e dos Povos do Universo!

COLETÂNEA DE POETAS DO INTEGRALISMO

I Parte

Porque tivemos Poetas no Integralismo, por Plínio Salgado 5
O Integralismo e seus Poetas, por Dario de Bittencourt 17

II Parte

Coletânea 51

ÍNDICE DOS POETAS POR ORDEM ALFABÉTICA

Agnaldo Celestino 53
Palavras ao Jéca
Alfredo Gomes 54
Conselho de Mãe
Almeida Salles (Francisco Luís) 55
Poema do Braço Verde
Assis Silva 59
Comunismo
Augusto de Lima Filho 61
Trovas integralistas
Benedicto de Lucca (Padre) 63
Exortação
O integralista
Brasil Pinheiro Machado 64
Aquilo não era Brasil
Clodoaldo de Alencar 66
O novo Atlas
Colbert Crelier 67
À Mulher Brasileira
Dantas Mota 68
A voz do Século

Da Silva Garcia 70
Soldado do Sigma
Durval Passos de Mello 71
Ressurreição
Eydmar Cardoso de Barros 73
Cruzada Ideal
Figueiredo Carneiro 74
Em marcha !
Floriano Mendonça 75
Vozes da Escola
Vozes da Fábrica
Rumor de passos
Geminiano Guimarães 81
Palavras ao Brasil
Anauê ! Anauê ! Anauê !
Gerardo Mello Mourão 83
Os três dias
Ronda da Pátria
Canto àquêle que veio
Haydée Machado Marques Porto 95
Apoteóse
Jaime de Castro 97
A noite dos tambores silenciosos
Jacinto Figueiredo 100
Integralistas
J. G. de Araújo Jorge 102
Século de sombra... século de luz...
J. Hercílio Fleury 104
A Grande Hora
José Maria de Andrade Rodrigues 106
A Bandeira Integralista
J. T. de Castro Alves 108
Os novos Curupiras
Quarta Humanidade
A Terra era uma só
Judas Isgorogota 111
A voz que leva tudo de vencida
Júlio Dias 113
Integralismo
Lopes Ribeiro (A.B.) 114
O Integralismo
Lourival Santos Lima 115
Marcha inaudíta
Mário de Oliveira 116
Integralista !

M. Machado 118
Pavilhão Azul
Mário Ypiranga Monteiro 119
Exaltação
Manoel Sobrinho 122
Libertação do Espírito
Exortação
O aluno à professôra
Mayrink (José Mayrink de Souza Motta) 129
O estaleiro da renúncia...
A voz do Chefe
A saudação dos Crentes
Minha camisa verde
Minha Bandeira Azul e Branca
A rufla emocional
Ave Bandeira!
A voz do Sentimento Nacional
As jornadas da Pátria
A camisa das selvas
A ciranda das velas
A alma infenua dos campos
A Heróica Reconquista
A Revolução necessária
Marcos Sandoval 159
Ao som da inúbia
Brasil
Mauro Moreira 162
Contrastes
Miguel Edmar Soares Arruda 163
O verde integralista
Nicanor de Carvalho 164
O "anauê" dos vaqueiros
Milícias verdes
Nobrega de Siqueira 167
Ciclo
Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha 170
A um coração de mãe
Nunes da Silva 172
O grande sonho
O. Muniz 177
Anauê!
Osmar Barbosa 178
Raça Nova
Padão (D.S.) 179
Poema do Homem Negro

Padre Melo 180
Integralismo
Hino do Integralismo
Canção do Integralista
A mulher e o Integralismo
Ânimo !
Oração do Integralista
Frente Única
Pessoa de Lima 194
A Canção do Segundo Tamoio
Ribamar Pereira 197
A marcha integralista
Sidney Netto 199
À Província do Mar
Silvio Luís Michelloti 201
O mais belo Manifesto
Thomaz de Aquino (*Cônego J. Thomaz de Aquino Menezes*) 202
A Voz de Deus
Hino do Núcleo de Miracema
Valente (*Adão*) 205
Integralismo
Waldomiro Ferreira (*Major do Exército*) 206
Brasileiros, sentido !

APÊNDICE

(*Nota dos Editôres*) 209
"Antes", "Depois", igual a "sempre"
Tasso da Silveira 212
Saudação à Plínio Salgado
Padre Caetano Oricchio, S.J. 216
In Plinium